

ANO 1 – NUM.1 Cidade da Conceição, 20 de Março de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
 REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Com certeza o austero magistrado que indeferiu a pretensão das damas que queriam guindar-se às culminâncias de eleitoras, deve estar a estas horas quase doido, tamanhas descomposturas terão caído sobre a sua toga.

Pode-se imaginar o horror dantesco do quadro. Matronas respeitáveis, cheias de filhos e de cabelos brancos, moçoilas na (...) idade, com os olhos (...) que eram estrelas (...) tadas entre violetas (...) tomadas pela cólera. (...) com as ventas ent(...) de rapé e as almas (...) quilhadas pela poeira dos séculos, tudo isto num vozerio atoador, num grande transbordamento de palavras inúteis e de gestos largos, a abarcar a terra, o céu e o inferno...

Não desejaria, palavra de honra, estar na pele do austero magistrado.

E depois, de certo, alguma sogra requer(...) a inclusão do seu (...) nome no alistamento eleitoral. Faç(...) estado de (...) ela; e uma sogra enfurecida deve ser pior que o diabo.

A nora, neste momento estará trancada no quarto, com medo da velha; e o genro saiu a passos largos pela rua, sem olhar para trás, e foi encafuar-se em algum café ou em algum bilhar, com a alma transida de espanto, a face pálida, os olhos arregalados pelo susto, os cabelos arrepiados, e o coração batendo mais forte que o badalo de um sino.

Isto das mulheres quererem votar, além de ser essencialmente cômico, é um absurdo deplorável; a política de hoje em dia é uma senhora de vida airada, que vive a corro(...) os homens e cuja (...) nhia as meninas (...) evitar. Fugam (...) os crentes de -(...)gem do touci(...).

(...)em sabe?

(...)as, mesmo assim, con(...) a ser mais salesiano que foi o próprio Dom (...), e do que é atualmente o meu respeitável e (...)cado amigo Bressane.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.2 Cidade da Conceição, 27 de Março de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

O nosso povo conserva religiosamente as tradições dos nossos antepassados, revivendo-as todos os anos, jubilosamente. É uma prova que Minas está fadada a guardar no Brasil a herança dos seus avoengos de além mar.

De Portugal e África viemos, com grande mistura do sangue selvagem das hordas indígenas: depois outras raças se nos uniram, e daí veio a coleção variadíssima de tipos que entre nós se nota.

Eu, que aqui estou, brasileiro como ninguém, sou mosarabe: mouro, godo e luso... Mas, a falar a verdade, isto não vem ao caso; continuarei, um pouco menos antropologicamente.

Hoje que o cosmopolitismo invadiu nossas grandes cidades, e a grande e franca migração de estrangeiros adulterou as antigas usanças, só nas cidades do interior se repetem os folguedos que eram o consolo e a alegria de nossos avós.

Temos a missa do galo, com toda sua pitoresca antiguidade arquissecular. -Dezembro expande-se em lágrimas torrenciais, a noite é sempre escura, sem o carinho de uma estrela, mas a igreja está cheia de crentes que de joelhos em terra contemplam o Menino Redentor.

Surge o ano novo, depois que S. Silvestre fecha a sete chaves, e o efêmero Reinado do Rosário aparece, como caxambus, piperuis, danças e contradanças, rei e rainha; vêm os Reis Magos e os mais circunspectos pais de família do lugar (entre os quais estou), saem contado loas em seu louvor.

Em junho, pelo Jubileu, celebra-se a festa do Divino, com S.M. o Imperador à frente, coroadado e cercado de gentis meninas que de branco se vestem.

E além de tudo (chego afinal ao assunto dessa crônica enfadonha) temos a serração da velha, cuja origem se perde na noite infinita dos tempos... É feita, como se sabe, pelo meio da Quaresma; aqui, porém, desde que a época do jejum surge nos calendários, a serração começa.

Poderia dizer: isto é um abuso do uso tradicional, mas nada tenho com isto: queixem-se às velhas. No entanto, para concluir, outra coisa direi.

É na aparência um brinquedo inocente, alegres folgares cujo único inconveniente é fazer-nos acordar alta noite, quando tranquilamente descançamos, a viajar pelo reino silencioso de Morfeu; não merecia censuras, antes incentivos deveria ter, se fosse sempre praticada com cavalheirismo e suma delicadeza. Mas isto é na maioria dos casos quase impossível.

O leitor é, por exemplo, um velho de setenta anos, e tem os olhos mais resinosos que uma árvore de breu; a exm.^a esposa anda pelos sessenta e vários: não estão precisamente na flor da idade, e se morressem, já se lhes não podia aplicar os versos de Malherbe... Acostumaram-se a dizer um ao outro os males da velhice: almorreimas, reumatismos, dores ciáticas, palpitações, cólicas, tracoma, falta de vista, etc.

Chegam dois pândegos, param à porta, e arremedam ao natural as queixas recíprocas.

No fim, disparam os companheiros a chorar. Não há ofensas, está visto; mas em que fúria não ficam os velhos!

Este outro leitor que me lê é perito em cantar ladainhas nas igrejas.

Aproximam-se da sua porta que sabem arremedá-lo, e como voz tumular entoa duas ou três frases latinas; outro, com a casca de um palmito, bate o compasso estrepitosamente na pedreira em frente.

Lá se foi o sono do homem, e toda a sua tranquilidade...

É melhor que isso de serração fique lá para as Calendas gregas, porque forçosamente há de haver sempre quem com ela suba a serra; fiquemos em paz e calados cada um em casa com sua mulher e seus filhos, se os possuir, e caso tenha a felicidade de não ter nem a primeira nem os segundos, fique sozinho, ou venha conversar comigo.

GUY.

ANO 1 – NUM.3 Cidade da Conceição, 3 de Abril de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Lendo um velhíssimo alfarrábio, na biblioteca de uma grande cidade, encontrei, numa das suas páginas, como que a palmilha de um sapato, que nunca fora usado; estava amarelecida pelo tempo, e parecia ter vindo de eras remotas. Era feita d'um tecido de seda mais que fina; quedei-me alguns instantes a contemplá-la. Não mais uma só linha do livro li, pois que o nome de Cristo ante os meus olhos cintilou, sublime como a luz de uma estrela d'alva.

E como parecia estar ali marcando a página em que parara algum leitor ocioso, sedento de leituras antiquíssimas, que nos fazem numa tão curta vida viver a vida de toda a humanidade, religiosamente a guardei no bolso, colocando em seu lugar, entre as duas páginas fanadas onde estava, um cartão com o meu nome.

Quando cheguei em casa (na casa de um irmão onde me hospedara), uma grande alegria me invadia a alma; sentia alguma coisa de divino e astral divagar ao redor do meu peito. Esqueci por momentos todas as mágoas que me afligiam, toda a saudade intangível de quem está longe daqueles que ama. Tive a irreverência de sacar um charuto da algibeira, e acendê-lo vagarosamente. Contemplei extático as espirais de fumaça que subiam tenuemente pelo ar, imagens fugazes das novas ilusões no mundo. Sim! Tais eram os sonhos em que vivo amortalhado, tais as imperecíveis dores que me martirizam, e também os esgares da máscara de sarcasmo que afivelo ao rosto, para ser carnavalesco, às vezes, em vez de funebremente triste... E à minha alma, garça de penas brancas, voou até o seio de Deus...

Estava comigo a relíquia sagrada. Que acaso singular fez com que ela se me deparasse? Era o vestígio do pé de Jesus no monte Oliveto. A nanquim, estampada a negro, a cena pungente do Gólgota aparecia, sobre pedras agrestes, entre árvores som vida. Em miniatura, o Redentor do mundo pendia da Cruz, e a seus lados, o bom e o mau ladrão nas suas cruzes agonizavam. Gestas e Dimas!

O remorso infinito agrilhoava aquele nas gehennas do inferno; Dimas sorria. Hoje comigo estarás no paraíso, tinha-lhe o Senhor dito. E todo o seu atroz padecimento como que se eternizava em eflúvios de glória...

Havia na relíquia uma inscrição latina. Li: *Vestigium D.N.J.C. in Mont. Olivet.* Era o sinal do Pé sagrado impresso no chão por onde, santificando-o, passara. Aí, no monte encantado das Oliveiras no Djebeltor dos árabes, o Mestre divino, entre os seus discípulos, deixara cair da boca iluminada palavras que brilhavam como estrelas; aí, entre as fragrâncias dos mirtos, Escariotes beijou-o traidoramente...

E todo o drama da Paixão passou ante os meus olhos enublados e pávidos, ante a minha alma que toda de roxo se vestia.

A tarde tombava. Coloquei sobre o coração a relíquia santa, e pensando na inanidade humana, na insondável miséria de todos nós, senti-me aliviado das angústias que me afligiam porque o Vestígio do Passo divino viera até mim.

GUY.

ANO 1 – NUM.4 Cidade da Conceição, 10 de Abril de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

A Noruega, anexa hoje à Suécia, foi outrora um reino independente. Há lá, segundo as notícias que correm, uma lei que não deixa de ser uma utilidade extrema: nenhuma moça poderá casar sem que primeiro prove (com um diploma legal) saber todos os mistérios da cozinha, bem como lavar, coser e fiar. Não cura a lei da leitura nem da maneira de bem ou mal escrever.

O povo desse país, que vive sob o jugo de um frio que em certas épocas nos mataria, é forte e claro, cheio de sangue rubro; poucos legumes há por lá, mas a fauna é abundante: mais facilmente qualquer norueguês se encontra com um urso do que nós outros com alguém que nos olhe simpaticamente, - um credor, por exemplo, um médico, também por exemplo, ou um advogado que ande após demandas, como é natural que andem todos os três, - o segundo a procurar doentes, o terceiro a cheirar trincas forenses, e o primeiro atrás do que é seu.

Há por lá montes em que os gelos são eternos: o inverno perene sem uma flama tenuíssima de sol. Pois, no entanto, para aqueles que pretendem acabar com a vida matrimonialmente, não acho que lá seja um país inabitável: muito pelo contrário.

Senão vejam: a principal qualidade de uma nubente é saber cozinhar com toda a perfeição. Todos nós gostamos, infelizmente, de passar bem, e ninguém enjeita um petisco.

Vossa senhoria que me lê, e que já passou dos trinta e alguns, gosta de uma cebolada feita segundo as regras da arte culinária; tem vontade de casar mas pensa que a consorte futura odeia as cebolas. É só procurar. No diploma de alguma senhorita achará enumerada, entre suas demais qualidades, a das cebolas.

Outro pretendente gosta de macarronada. Nada mais succulento, quando se a faz com queijo parmesão. Veja a lista das diplomadas (pois que lá se publicam os seus nomes como aqui os dos que se diplomam em farmácia, medicina, direito, engenharia, ou pelas escolas normais). Está logo servido. Pode ser subseqüentes indigestões de macarrão e queijo.

Ora, pela aba de uma serrania, sob a luz acariciadora do poente qualquer um de nós dá de cara com uma moçoila vermelha e forte. A doce rapariga olha-nos com um sorriso travesso nos lábios cheios de inocência bíblica. Procura a gente saber quem é e de onde é, a que família pertence, e tudo o mais que em tais casos se querer... E vem o casamento. Um dia o marido pergunta:

- Eras capaz de aprontar-me uma farofa de iscas? Uma omelete de rum ou de kirsh? Alguma coisa que não fosse precisamente o feijão mineiro que a nossa cozinheira nos impinge diariamente?

Como é natural a consorte, que não é norueguesa, cala-se e reconcentra-se durante alguns instantes.

Replica o marido:

- Que dizes?

- Tratemos de outra coisa. Nada me convence da derrota de Lilicas. Que moço que sabe cabalar! Promete mundos e fundos, desabona a todos, tem sempre um sorriso para o maior inimigo que veja, e é o que se vê: muito elegante e sempre escovado, ou antes muito escovado e sempre elegante...

- Mas, senhora! Geme o pretendente às iscas. Sabe prepará-las?

- As eleições? Grita ela.

O pobre homem desmaia, fechando os olhos. Qual! Em vez de cozinhar, lavar, coser e fiar, é necessário que o governo promulgue um decreto obrigando as moças a saberem de cor... a lei da reforma eleitoral.

GUY.

ANO 1 – NUM.5 Cidade da Conceição, 17 de Abril de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar esta apreciada seção.

ANO 1 – NUM.6 Cidade da Conceição, 24 de Abril de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Era uma noite deliciosa de luar. A lua no auge de sua pálida formosura divagava entre nuvens, errante castelã em busca das barbaças movediças do seu etéreo solar.

Um suave perfume de saudade e melancolia embalsamava a atmosfera.

Entre casuarinas que farfalhavam ao vento tranquilo, a bela capelinha surgia, majestosa e triste, na sua humildade agreste; e toda branca de luar, era como um cordeiro de Deus.

Sob o encanto maravilhoso do céu, passavam pela rua vultos oscilantes e vagos, como duendes fatais, e como ao luar, todos nós somos fantasmas, parecia-me o quadro uma aparição de espectros.

Inesperadamente um violão errante vibrou notas dolorosas pelos ares: era como um coração a chorar

E uma voz, e mais outra, e outra mais ergueram-se ao alto, pelas espirais do luar.

Disse-me então um velho amigo, que se achava como eu, todo envolto nas lactescências da lua:

-Sob a doçura desta sublime serenidade lunática, quem não gozará da vida?

- Eu, respondi-lhe docemente. Foge do encantamento da lua: Os seus olhares são traidores como os olhos de quem ama...

GUY.

ANO 1 – NUM.7 Cidade da Conceição, 1º de Maio de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Quando há lua no céu, deito-me tarde. Velho hábito de boêmio antigo, acostumado a passar ao relento noites inteiras, nos primeiros anos da minha mocidade, que já se vai descambando impetuosamente para o tristonho outono da... falta de cabelos, do ilusões e de dinheiro.

Assim, para consolo a tantos males, gosto de a namorar porque já na idade de namorar outra criatura não me acho...

Convencido de que o astro brilhante da noite, a urna eterna de poesia nostálgica, pode ser contemplado em sua casta nudez de virgem para todo o sempre imaculada, arregalo os meus olhos tristes e fito- a sem o temor de quem deseja um fruto proibido.

E tão fora de mim fico às vezes que chego a convencer-me do amor platônico dela por mim. Lá segue a minha amada por entre nuvens delgadas, um colar de estrelas floresce no redor da sua inconcebível carne de leite. As nuvens deslocando-se formam no céu amedrontadores fantasmas de ferozes cataduras... Ah!! Como eu os odeio, a esses vilíssimos adamastores celestes que de tão perto a veem!

Para me ser agradável, de certo, esconde-se a minha amada entre véus tênues e estofos preciosos; os gigantes desaparecem também, ao encalço da lastimosa virgem.

Quando ela surge de novo, o céu, para festejá-la abre-se em cataratas de luz; toda a amplidão é uma catedral cheia de virgens que esperam anjos para os sponsais divinos.

Eis-me eu, pobre homem, a contemplá-la de novo.

Esqueço-me completamente de tudo: não pesa sobre os meus ombros a idade de Cristo transforma-se antes na primavera florida dos vinte anos; os meus negros cabelos (porque felizmente o resto que possuo está preto como a minha barba em ponta) já não caem, pondo-me a calva à mostra um pouco prematuramente; encaracolam-se como outrora, quando achei quem brincasse com os meus anéis ibéricos, alisando-os com os dedos...

Chego esquecer-me do meu grande nariz, alvinesco por hereditariedade, bastante vermelho pelo frio e por outras causas comuns aos homens, na nossa triste contingência; olvido até que estou gordo, um pouco pançudo, fora as outras desgraças apontadas.

Mas que querem?

Ninguém nasceu perfeito neste mundo, e muito feliz me acho de só namorar a lua, que mora muito longe, e não mandará de certo o seu amante, que dizem ser o sol, desancar-me com uma sova de marmeleiro.

GUY.

ANO 1 – NUM.9 Cidade da Conceição, 15 de Maio de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Da vez passada cedi o meu lugar de honra ao sr. José Marques. Ignorava que o diabo do homem fosse quase doido, com tamanha falta de miolos e tal ausência de senso que até pensei ser ele um discípulo de Asclépio ou de Justiano.

Porque, como sabem a medicina e o direito são irmãos gêmeos, filhos de laborioso parto: a primeira tem por fim principal acabar com a humanidade, o segundo fazer com que tudo ande retorcido.

A torto e a direito é uma ou, antes, são duas locuções adverbiais idênticas...

A primeira coisa que fez o sr. José Marques foi declarar-se ostensivamente dipsomaníaco: tem a mania de beber, o que é digno de censuras, principalmente em um país onde ninguém bebe, sendo abstêmios todos os seus habitantes, do Amazonas até o Prata. É um seriguéa, mamífero da ordem dos marsupiais, ou menos cientificamente, é um gambá.

Começou confessando-se adorador sincero do deus Bacco, e pouco faltou pedir ao Belga que lhe ornasse o nome com vinhetas viridis, representando pâmpanos e cachos de parreira, com trêmulas hastes cheias de cevada e fitas oscilantes de cana tropical.

Denominou enfaticamente conhaque mineiro não sei que espécie de bebida, e teve a falta de decência de declarar que a bebia com leite de vaca.

Continuou a desfiar um grande rosário de bebidas, ortografadas em língua bárbara, dissonante aos nossos melífluos e meluriosos tímpanos auriculares.

Muito embora seja eu inimigo acérrimo dos líquidos, fiquei com água na boca ao ler a lista dos corpos moleculares opostos aos sólidos e aos gasosos, que o sr. Marques enumerou com tão grande falta de critério e tão grandioso e imenso desprendimento pelas conveniências sociais. Indignado, fui procurá-lo.

Encontrei-o espichado em longuíssima cadeira preguiçosa, com os olhos virados para o teto branco da sala em que ele estava.

- Sr. Marques, disse-lhe com cara de poucos amigos.

- **Sr. Guy d'Alvim, respondeu-me** ele com toda a seriedade necessária em tais circunstâncias.

Censurei-lhe então o seu procedimento incorreto, trazendo para estas circunspectas colunas assuntos banidos socialmente do convívio dos homens.

Disse-lhe que ninguém queria saber das suas pretensões a branco e a fidalgo, e que pouco importava aos nossos assinantes ficarem cientes das proporções e cor do seu nariz, bem como das dimensões assustadoras da sua careca; que terem ou não os Marques brasão insculpido na heráldica portuguesa, pouco vinha ao caso, pois que ele Marques com toda a sua prosódia não passava de um Dom Quixote mais espantoso ainda que o herói universal descrito por Cervantes de Saavedra.

Disse-lhe mais que nesta seção só eram discutidas as matérias dignas da atenção pública, bem como os alvos para que convergem as aspirações humanas.

Só era permitido aqui tratar de coisas sérias: da lua, das sogras, das eleições, da arte de curar, da falta de dinheiro, etc.

O sr. José Marques conservou-se calado, prometendo-me exhibir-se mais sensatamente na próxima semana.

Disse-me ele que trataria do amplexo fraternal que une o direito à medicina, a justiça pública à grande ciência de reduzir a humanidade ao par primitivo. Pedi-lhe escolhesse outro assunto qualquer, em vista da banalidade da tese proposta, e ele convenceu-se do que eu lhe dizia, afiançando-me tratar das almas do outro mundo na próxima semana.

GUY.

ANO 1 – NUM.10 Cidade da Conceição, 22 de Maio de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

De uma feita eu, João Carrilho, que tenho a glória de surgir aqui por especial pedido do sr. José Marques pela primeira vez, qual aurora mirifica no cimo dos cerros envoltos em leve e transparentes gazas, lembrei-me de abandonar por alguns dias os meus penates, e seguir por esses campos e escarpas, em demanda do carinho dos meus amigos ausentes.

Coincidindo com minha deliberação com outra idêntica do meu compadre Sanches dos Santos (não dos santos da minha devoção) que ia nesse tempo colocar seus fundos (não os das calças) num banco que quebrou logo após, ficando o banco por não ser de madeira de lei, mais quebrado do que eu, João Carrilho e o Sanches, seguimos juntos, por uma clara manhã.

Era de ver-se a nossa alegria, o risonho contentamento das nossas mais jubilosas faces.

Os pássaros trilhavam, os ribeiros murmuravam queixas, o céu nos abençoava, e nós dois, no meio do triunfo sempiterno das selvas brasileiras, olhávamos boquiabertos para o esplêndido quadro em que estávamos emoldurados.

Boquiabertos é o termo, pois que de vez em quando abríamos a boca, não para bocejar nem admirar o que acima fica escrito, mas simplesmente para engolir um trago de magnífico conhaque mineiro, fabricado de hidromel pelo benemérito (principalmente pra nós) coronel Chico Ferreira. E seguimos contentes, maravilhados pelos panoramas eternos da nossa natureza. Mudos, reconcentrados, parecíamos dois médicos que vinham de acabar com a vida de vem pobres diabos.

- Oh compadre! Gritei eu.

- Que é lá, compadre? Respondeu-me o Sanches, ainda lambendo os beiços, e pudicamente escondendo o cuité no bolso de um longuíssimo brujaco cor-de-sogra.

- Ficaste mudo?

- Emudeceste?

E como tivéssemos de atravessar um capão longuíssimo, cheio de profundo silêncio das folhas e dos ramos, começamos a trocar ideias afetivas, como dizia meu amigo Leopoldo de Freitas, nos meus bons tempos de academia e jornalismo.

Porque eu, João Carrilho, embora a muitos incrível isto seja, cheguei a adquirir dois diplomas mais ou menos ultracientíficos, e não sou, como podem pensar, um sujeito qualquer sem noções de humanidades. Doido embora, tenho alguns momentos lúcidos: e a lucidez intermitente veio-me da viagem que fiz com meu compadre Sanches.

Várias coincidências havia entre as nossas vidas.

Por muitos anos fora ele mascate, e eu por anos andei louco por uma filha de um mascate árabe.

Casei aos vinte e seis, e ele já tinha feito a mesma asneira na mesma idade; daí ao fim dos meses do costume, tive um rebento na árvore genealógica dos Carrilhos; com o meu compadre acontecera o mesmo.

- Tantos anos sou mais velho que o diabo, disse ele.

- Outros tantos sou eu também, murmurei.

- A minha sogra, se não falasse e gritasse tanto, seria o modelo das sogras, retrucou o compadre.

- O mesmo com a minha acontece, quase que sussurrei imperceptivelmente, com medo do meu sogro surgir.

Continuaram as coincidências. O meu compadre tinha medo também que o seu sogro surgisse, armado de charas e logogrifos.

Afinal chegamos. Era hora de pousar. Lestos saltamos das cavalgaduras.

O hoteleiro nos recebeu com um grande e ganancioso sorriso nas bochechas prósperas.

Houve um sarau musical obrigado a violão e flauta: um professor público, cheio de melenas em confusão, recitou a *Judia*.

- Judiasse ele com outros e não conosco, pensei;

Lembrei-me então de mister Kirch, que me recitara, na hora de eu partir, o “Ouviu, Sinhá?”, produção romântica de um amor primeiro ou primevo.

Fomos dormir tranquilamente, depois de esvaziar algumas garrafas de Kremer, com queijo velho.

No dia seguinte encontrei o compadre cheio de ânsias...

- Matutinus vomitus potatorum, resmuguei... e logo após lançávamos cargas ao mar.

- Mais uma coincidência! Murmurou beatamente o Sanches.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.11 Cidade da Conceição, 29 de Maio de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Pior que o soneto foi a emenda, pois que o sr. João Carrilho se exibiu nestas colunas circumspectas, que devem ser aureoladas sempre pela sisuda seriedade de um moralista profundo, com a mais escandalosa falta de senso, já não digo comum aos homens dignos desse nome ultra-anumico. Nós, como sabem, temos alma; alma vem de anima (latim); mas não somos animais; somos hominiais. No entanto, alma e animal de anima se formam. Sejamos todos, afinal, bestas de carga.

Carreguemos o suplício da vida, o que não é pouco, até que o dia da redenção no chegue, livrando-nos de tantas e tantas contrariedades e de tamanhos dissabores. A cada passo na vida só nos deparam tristezas, amarguras, pesarem sem fim. A humanidade, caquética hoje, cheia de reumatismo e de descrença, apenas se relembra que um tempo houve em que a formosura dos homens e das mulheres se rivalizava com a beleza dos anjos. Deidades pisavam o solo dos mortais, um contentamento hilariante afogueava os rostos, incendiava as faces. Hoje, nessa derrocada geral de falta de amor e amizade de ausência completa de caráter e de bom senso, retrogadamós até Diógenes: se este procurava um homem, pelas ruas de Atenas, de lanterna na mão, apoiando-se sobre o seu nodoso bordão, e não o encontrava, hoje o problema seria mais difícil ainda de ser resolvido...

A lanterna primitiva do sábio grego, enfumaçada e oscilante, bem podia ocultar em sombras o homem que era procurado; atualmente, na era da luz elétrica, do vapor, do gás e do balão, se aparecesse outro Diógenes, teria a mesma desilusão do filósofo cínico.

Perdoem-me estas digressões tristes. Estou completamente sem fé nos homens e nas coisas. Já não creio nem no bispo, e sou capaz de pôr argumentos contra a infabilidade do papa. Por um triz declaro-me confuciano vou ser faquir no Hindostão, bonzo na Cochinchina, sacerdote otomano na Turquia, muezzin na Arábia, o próprio Satanás no inferno...

E toda razão tenho.

O procedimento dos srs. Marques e Carrilho para comigo foi soberanamente incorreto. O primeiro começou a rezar numa cartilha feira para ateus, desenrolando uma fita interminável

de líquidos prejudiciais á saúde, aos calos, às algibeiras e até as almas. O segundo, pessoa em que sempre depuseti toda a confiança, começa a enumerar as coincidências havidas e por haver entre a sua vida e a de um tal Sanches individuo barbado e sério, capaz de acabar com o resto de alegria que tenciono fazer brilhar aqui.

Não desejo que o Carrilho apareça mais, cintilando no cume destas colunas; espero que o sr. Marques sofra um eclipse total e intérmino.

Quando cansar-me de divertir meus mil e quinhentos leitores, irei pedir o auxílio do meu risonho compadre Catimbau, que é homem já maduro, e muito bisonho, que por certo deitará altíssima e saudável moral do alto desta esplendente seção.

GUY.

ANO 1 – NUM.12 Cidade da Conceição, 5 de Junho de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Por estas noites de luar, quando a lua, seguindo no meio de estrelas, parece o caixão branco de uma virgem que vai acompanhada por milhões de anjos que trazem círios nas mãos, - eu me lembro dos mortos.

Pobres e míseros mortos!

Transidos de frio, entre as tábuas da sepultura estreita, medonhos no horror que os cerca, ninguém poderá pensar neles sem sentir um rangido de dentes involuntário, um tremor de medo pelos nervos.

Passam-me então pelos olhos os féretros suntuosos das cidades grandes, o enfileiramento dos carros fúnebres, os enterros singelos das cidades pequenas, em que os corpos são levados à mão e às pressas, e os enterros de anjinhos em caixões abertos, de mãos postas e sorrindo às vezes, entre fanfarras de músicas alegres. E também os horríveis carroções que nos centros populosos levam para a vala comum pilhas de miseráveis amortalhados, apenas no trajeto, pelos cadaverosos lençóis dos hospitais, e atirados nus, em confusão, ao mesmo leito de pânico.

E penso nos meus pobres amigos, tantos que vi seguirem para o país das sombras, quando a aurora da vida lhes aparecia apenas.

E, no entanto, a vaidade humana cada vez mais cresce, cada vez mais se avoluma: e o maior número só pensa nas riquezas, nas extorsões, nos meios inconcebíveis de explorar os proletários e os tolos, os pobres e até os mendigos.

Relembro-me dos meus amigos defuntos.

Eurico! Eurico! Que é da tua bela cabeleira loira, que se enroscava pela tua cabeça em caracóis como uma coroa de ouro? Que é dos teus dentes brancos como jaspe, que brilhavam como estrelas? E os teus lábios rubros como romãs tropicais, que sorriam tão sarcasticamente, que é deles?

Fanaram-se depois de tantos beijos de amor, e sumiram-se no pó, e de ti, Eurico, meu querido amigo, só resta essa horrível caveira cansada de ranger os dentes na luta infanda contra os vermes...

Bem disse o grande clássico: a formosura é uma caveira bem vestida. Se a mocidade é isso, que diremos do que é feio, da velhice?

Rezai, pobres velhos, rezai, pobres velhas, míseras caveiras mal vestidas.

GUY.

ANO 1 – NUM.13 Cidade da Conceição, 12 de Junho de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

- Carrilho!

- Senhora!

Estendi-me preguiçosamente sobre a *chaise-longue*, preguei os olhares no teto da sala, e fiquei estático por alguns instantes, como um faquir falsificado.

Depois, vagarosamente, enfiei a mão até o fundo da minha profundíssima algibeira e de lá arranquei um quebra-queixo de tostão que acendi com todo o entusiasmo que me é peculiar quando faço algo ou julgo fazer um ato de certa importância na vida. E nada mais importante do que ter um indivíduo a indômita coragem de enfiar na boca um breva de cem réis, já um pouco furado pelos descortesos carunchos, mais seco do que a seca do norte e mais amargo que todas as desventuras da vida. Depois de certo exercício com os beiços consegui tirar algumas fumaças tenuíssimas, que se evolveram em espirais delgadas, o mais devagar possível. Que fazer?

Olhei para os meus chinelos, e vi que estavam mais precisados de aposentadoria do que um professor público depois de cinquenta anos de escola; contemplei o meu chapéu e tive saudades do tempo em que ele não se envergonhava de sair à rua.

Depois de muito parafusar resolvi passar o dia sem pensar em coisa alguma. O problema era difícil, mas sou mais teimoso do que o Pirro: no entanto, por mais que eu não quisesse pensar estava pensando sempre. Lembrei-me que de pensar morreu um burro, e pedi a Deus que me não desse morte semelhante...

- Carrilho!

- Senhora!

A dona da casa chamava-me pela segunda vez. Arrastei-me até onde ela se achava a coser. Vi então as roupinhas para as festas do Jubileu: tudo muito alegre, de cores variegadas, vestidinhos, calcinhas e calções, gorros e bonés, capas e capotes...

- Que alegria para a criançada! Murmurei.

- Todos os anos são assim, respondeu-me a avozinha. Tenho um exército de netos, e coso para todos.

É o costume da terra: pelo Jubileu todos renovam a roupa. Vai você ver.

Com certeza já tem ouvido muita moça dizer: Que chitas bonitas tem o Olympio! Pelo **Jubileu hei de comprar um vestido...** E assim somos nós todos, velhos, moços e crianças. É quando a cidade se anima: vem tanta gente de fora, que somos todos obrigados a deitar alguma **elegância...**

A avozinha ofereceu-me uma pitada de meio grosso; sorvi-a ligeiramente, passando depois o meu lenço de alcobaça pelas ventas. Puxei um tamborete, sentei-me o mais filosoficamente que me foi possível, e espantei-me de não ter até então pensando na festa que trazia sobressaltadas todas as mães de família, todas as moçoilas, todos os rapazes, todos os **velhos...**

O meu esquecimento era inexplicável. Como aparecer decente nesses dias alegres, se a minha roupa, de tanto ser escovada, já tinha horror às escovas?

Fiquei seriamente impressionado. Quando mal esperava, lembrei-me de repente, que o meu amigo José Marques tinha alguns paletós em bom uso, e se não me enganava, um fraque mais ou menos moderno.

Quando a calças, algumas possuíam ele; e como o que é dele é meu, e vice-versa, eu delas poderia fazer uso, menos de umas pardas, cor com que embirro solenemente para calças. Chapéu o Marques também tinha, ainda em bom estado, requerendo porém uma rápida esfregação de protóxido de amônio.

- Estou arranjado! Exclamei, ovante. Saio eu um dia, sai ele outro, e assim não perdemos as festas...

A avozinha continuou a coser: tomei mais uma pitada, assoei-me, expelindo com força majestosa tufões de ar pelas fossas nasais, e fui continuar a fazer o mesmo que estava fazendo ao começar esta mais que narcotizadora crônica.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM. 14 Cidade da Conceição, 19 de Junho de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Às cinco da madrugada, quando a primeira badalada ressoa metalicamente pelo ar tranquilo, salto lentamente do meu pobre leito com toda a possível ligeireza das minhas velhas pernas, naturalmente reumáticas por força dos meus avançados anos.

Espio sorrateiramente, ao espelho, a minha cara desconsolada, abro os olhos tristes, tão cansados de contemplarem a desventura de todos, carrego os sobrolhos fazendo questão de parecer o homem mais reconcentrado do mundo, e depois de passar o pente pela cabeça e alisar a minha longa barba de asceta, vou até a bica, a fim de praticar as abluções diárias. Escovo com toda a paciência dois ou três dentes que me restam, tomo uma boa tigela de café, e saio.

O frio é intenso, a manhã é toda enevoada; vou caminhando lentamente, com a pacatez habitual de um burguês que vive das suas rendas e das rendas de bilro que as filhas fazem por desfastio e alegre desenfado.

Cumprimento com ares de proteção a todos quantos encontro; são bons dias circunspectos e paternais, ditos em voz grossa, tocando levemente com a ponta dos dedos a aba do meu antiquíssimo Chile.

De vez em quando uma pitada me sensibiliza a mucosa nasal; dou espirros estentóricos, e sigo imperturbavelmente.

Quem me vê, pensa no mesmo instante: ali vai um poço de ciência, de consciência e de paciência.

Na verdade, a minha austeridade impõe-se.

Nenhum sorriso nos lábios, nenhuma alegria nos olhos: uma tristeza de cipreste a beira de um túmulo.

Chego à igreja sempre às mesmas horas; faço as orações costumeiras, e peço a Deus que por dilatados anos me conserve a mim como se conservam pimentas, ou tâmaras.

Do primeiro ao último dia do jubileu o meu passeio matutino é sempre o mesmo; não mudo de hábito, mesmo porque não sou frade, contentando-me apenas de mudar de camisa bisemanalmente.

Findo o jubileu, época de abstinência e de preces sinceras, sou outro homem.

Sorrio-me algumas vezes, e sou capaz de beber de vez em quando uma boa dose de antártica ou de bock ale.

Esperando o futuro jubileu, em que farei penitência dos novos pecados com que vou sobrecarregar a minha alma já tão sobrecarregada de culpa, remoço-me bastante e até floreio alguns flertes inocentes, piscando os olhos não intencionalmente, mas simplesmente por ter-me **cabido por hereditariedade este sestro gentilíssimo...**

Tendo cumprido a obrigação de conversar semanalmente com as minhas belas leitoras, por aqui me quedo como o mais humilde criado de sua excelência.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.15 Cidade da Conceição, 26 de Junho de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

O jubileu, em vez de ser todo de júbilos, para mim foi só de tristezas. Não houve entre o povo a alegria comunicativa das expansões que entre os rostos afáveis brotam; sérios e carrancudos, de cataduras mais que solenes, foram, na sua maioria, os entes humanos que vieram espaiar as suas preocupações neste ramallete mineiro durante os dias festivos.

Ninguém ignora que a absoluta falta de dinheiro que nos assola, mais terrível que as pragas egípcias, concorre de modo grave para que todos nós em grande compostura ultra cerimoniosa nos conservássemos, porque em falta de notas de tesouro, uma fisionomia circumspecta e cheia de reflexões sobre a vida, que é tão passageira, e sobre a morte, que é tão certa, há de impor-se mais que fatalmente.

Se todos nós pudéssemos nadar em ouro, se nos fosse dado o favor sublime de andar sempre com as algibeiras atapetadas de notas, em vez de notícias, muito alegre e hilariante seria a nossa vida.

Mas o combate para que se ganhe o pão diário de tal maneira nos deixa desancados, que é ainda muito de admirar-se o haver gente capaz de fazer outra coisas que não seja a perpétua contemplação dos males próprios e alheios.

Que a vida é muito martírio, está mais que provado pelas experiências diárias que observamos nos outros e que em nós próprios fazemos; cada um de nós deseja o eterno sono.

Mas quantos remorsos em desejá-lo!

A tristeza humana é um fato natural: não serei eu quem vede a um racional ou não o direito que tem de gozar das delícias da criação. Assim como um filósofo eu posso escrever e ditar o que quiser e for do meu especial agrado; ninguém virá censurar-me porque me julgo nas culminantes alturas de dizer o que julgo pensar.

Parece-me que divago por um país novo, cheio dos mais belos horizontes que se têm visto surgirem em terras mineiras; e como é a primeira vez que rabisco nestas colunas algumas

elucubrações sobre o precário desconsolo da vida, não me julgo no direito de continuar a fazer tão amarguradas considerações.

Triste foi o jubileu, disse a princípio; triste estou eu, confesso.

Ter-se-á arrefecido a fé do povo, não haverá mais pastores que o guiem?

GUY D'ALVIM.

ANO 1 – NUM.16 Cidade da Conceição, 3 de Julho de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Como tu, formosa sertaneja, que por instantes alegraste a incurável tristeza dos meus olhos, como tu, flor risonha dos campos, foi-se também a lua...

A incomparável beleza das nossas noites de luar, a lactescência sublime das nuvens que se expandem em lírios e rosas brancas, os castelos de torreões coroados de estrelas, as figuras de monges em oração que surgiam e desapareciam no céu, tudo isto se afundou no insondável abismo do infinito, silenciosamente, desoladoramente.

Cerca-nos a escuridão das noites que de pavor nos gelam; dentre o negror absoluto da abóbada celeste nem um raio de estrela fugidio cintila por instantes; estendem-se pelo céu grandes panos mortuários, distendidos em dobras de profundo luto.

As noites continuam frias, como abraços de velhos, as fogueiras que crepitam aqui e ali não aquecem o ar cheio de impalpável neblina, tudo treme de frio, desde a invisível estrela que se escondeu na profundidade do céu, até a pobre criancinha que repousa no seu berço pequeno...

São João veio, sempre friento, e passou por nós, como sempre, a tiritar.

Vimos a dama que nessa noite atravessa descalça um braseiro enorme, como se pisasse por sobre um estendal de rosas rubras: nada nos maravilhou, porque de maravilhas sempre a nossa alma viveu...

Veio São Pedro, respeitável guardião da porta celeste, com as simbólicas chaves na mão, sério e circunspecto, de extensas barbas e luzidias e ancestral calva de asceta encanecido...

Sublime pescador, pedra angular em que pousa a arca da nossa fé e caridade, vieste também friorento, envolto na tua túnica humilde de plebeu, mas tu de outro modo não poderias vir, tão velhinho que és, tão encolhido que estás, doce pescador!

Vieste reviver os dias da minha infância longínqua, que por feliz e risonha tão depressa passou, como passa a felicidade sempre, e o riso, às vezes. Lembrei-me da minha velha cidade, lendária e imponente, cheia de montanhas que penetram o céu, toda cercada de templos

suntuosos, abençoada por tantos cruzeiros que no alto dos montes abrem, como que para ampará-la, os seus braços protetores, e hoje - pobre e mísera avozinha das cidades e vilas mineiras! Condenada, sem culpa e sem pecados, a morrer lentamente, como se vão os velhos e as lâmpadas abandonadas...

Lembrei-me dela, e depois olhando para a escuridão do céu, tive saudades da lua, que desapareceu como tu, formosa sertaneja, lírio risonho e suave, que me alegraste por instantes os olhos tristes, cheios de pesares e de lágrimas...

GUY D'ALVIM.

ANO 1 – NUM.18 Cidade da Conceição, 17 de Julho de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Para muitos a mola real da vida é o estômago, regular bolsa composta de membranas, sempre pronta e preparada para receber os líquidos e os sólidos com que a natureza animal tem por uso enchê-la.

Se são esses aqueles que compreendem a vida, ignoro eu, cronista sertanejo, muito propenso à contemplação das estrelas, da lua, e de outros corpos celestes visíveis.

Se um raio de luar perpetuamente desce sobre a dolorosa tristeza da minha alma, se vivo astralmente circundado de fulgores lunares, para que abaixar-me até a niilidade da condição humana? Seja o estômago, embora, o órgão principal da digestão dos seres vivos; comunique-se com o esôfago e esteja colocado por baixo do diafragma; forme-se de três membranas superpostas, ou de mil: que me importa tudo isto? O intestino delgado pouco me tem alterado o meu modo de viver, a minha eterna hipocondria.

O grosso intestino então aborrece-me de modo a ficar alheio à sua diária e consecutiva luta, como recipiente de inúteis resíduos da digestão.

O fígado, no entanto, que vive a secretar a bile que nos enche a boca de amarguras, tem particular predileção da minha parte.

De forma irregular, sem simetria alguma, convexo na parte superior, côncavo na inferior, cheio das granulações que se reúnem a fim de formar o canal hepático - gosto deste órgão e admiro-o sinceramente.

A minha admiração compassiva por ele vem do fato de ser esse pobre pedaço do nosso corpo o suposto criador do nosso mal humor; tédio, spleen, irascibilidade, tudo isto queremos que nos venha da bile que do fígado se origina, passando pelo duodeno para auxiliar a digestão...

Não se forma antes o nosso eterno e irritável desconsolo nas três membranas do cérebro, a dura e a pia mãe, e a aracnoide, sendo esta talvez quem nos faça viver sofrendo sempre da telha entre teias de aranha?

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM. 19 Cidade da Conceição, 24 de Julho de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Fui, já se lá vão 50 anos pelo menos, amanuense da Mesa das Rendas mineiras.

Nesse tempo, nessa época de grande conforto, não era Vila Rica o que é hoje. Um claro e cintilante sol de riqueza vinha circundá-la, osculando-a ternamente.

Todos nós nos lembramos dos tempos passados, e eu, tão isolado como vivo, de quando em vez volvo os olhos para a minha rápida vida que já se foi, esperando perpetuamente que esta se vá...

Ora, todos os dias, envolto na minha quinzena azul, seguia, com toda a seriedade exigida, para a repartição. Cumprimentava os amigos e até os inimigos gratuitos; muito na flor da idade, não me brotara ainda dentro da alma a tulipa do rancor e do desprezo.

Mais suave que uma juriti, em plumagem branca me enfaixava.

Seguia barlaventeando, meneava a cabeça com certo prumo, sempre perpendicular ao horizonte, que diante de mim fugia, como foge sempre de nós.

Quem me visse atravessa íngremes ladeiras e apertadas ruas da velha cidade, cauteloso como um cauteleiro que quer impingir a qualquer pobre descautelado o último, sempre último, bilhete da loteria, - pensaria que eu fosse a burocracia em pessoa.

Ia às dez e voltava às três; passava todo este intervalo de tempo a copiar ofícios, sempre redigidos no mesmo estilo rançoso que se emprega nas repartições públicas, burilado eviternamente por algum gênio que se elevara ao apogeu da chefia de secretaria, como ao hipogeu de copista achava-me reduzido.

Horrente huerfago hipicamente diminuía os passos dos animais com que me encontrava, a hipiátrica de vez em quando me surgia como sendo, não uma parte da arte veterinária de curar, mas o compêndio completo de tirar o fôlego aos seres criados...

Quando me lembro desses bons tempos vêm-me as lágrimas aos olhos; cheio de fúnebre apatia, recordo-me de tudo, e ao ver-me no sensaborão *status quo* a que cheguei, reduzido a espargir sovinadas, fico boquiaberto de espanto, e deixo cair da boca esta última linha como ponto final à minha obrigação hebdomadária de cronicar.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.20 Cidade da Conceição, 31 de Julho de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

A dança, desde que não seja a de S. Vito, porque nesta, quer a gente queira quer não, há de sempre fazer os mesmos fastidiosos movimentos e mórbidas cadências, nem a macabra, porque esta pertence, por absoluto privilégio, aos que a Morte leva para os seus domínios pavorosos, - a dança sempre foi um divertimento de bom tom, um passatempo alegre e festival como nenhum outro.

Ao flébil som de flautas e violinos, aos gemidos profundos dos violões, ao scherzo vivo e titilante dos bandolins, ou em ouvindo um violoncelo que clama docemente, e de repente, sem arco, obedecendo à voz dos pizzicati, prorrompe em rápidos suspiros plangentes, - não há quem não sinta a alma docemente berçada por misteriosas mãos de fadas.

Os momentos passam vertiginosamente, os instantes voam como pardais, uma grande luz nos ilumina o cérebro, dos olhos caem-nos estrelas, a respiração comprime-se, e afinal, finda a valsa, a quadrilha, a schottisch, a mazurka, vai o mortal descansar durante algum tempo para depois recomeçar, com o mesmo garbo, com a mesma sofreguidão.

De danças e dançarás está cheia a vida: dancemos pois, com toda a seriedade, como fazem os ingleses, corretos e frios, tesos como postes de luz elétrica, vermelhos como esplendorosas miniaturas de Febo, levando a existência com a necessária circunspecção, fazendo todos os atos diários com a imperturbável e austera cara de poucos amigos que Deus lhes deu, e Lutero, o monge apóstata, concertou...

A dança espanhola, - o salero, a habanera, - bole mais com a nossa natureza tropical, tão propensa aos cancãs, aos recortados e aos batuques, do que a dança inglesa, tão monótona e cadenciada, tão orgulhosa e senhoril; mas façamos o possível para nos tornarmos ingleses ao menos coreograficamente, abandonando os requebros lascivos que saltam da massa do nosso sangue tão cheio de mistura.

E no entanto, eu que tal aconselho, estou doido por um desses gostosos recortados que nos desancam e moem, que tão sensibilizadores são...

Ora! viva o
Andorinha voou, sentou...
Senta aqui, senta acolá!

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.21 Cidade da Conceição, 7 de Agosto de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRONIQUETA

Como já se sabe, estão isentos do serviço militar os srs. padres. A farda impõe-se, é também sabido; não poderão apresentar-se devidamente fardados e municidados os ministros da nossa religião.

Esta exceção da lei não tem explicação possível. É certo que o serviço militar não vai muito de acordo com os hábitos contemplativos dos sacerdotes; comodistas por índole e por obrigação, uma meia volta à direita, marche! Não lhes poderia ser de especial agrado.

Mas o fato é que os padres estão isentos de tudo: como afirma um colega, não há profissão mais rendosa que a deles, e, no entanto não pagam o devido imposto de industriais e profissões...

Os congressos estão em seção, o assú e o mirim...

Um imposto sobre os padres seria equitativo, pois que lei não deve privilegiar uma classe tão numerosa e próspera, criando tributos e mais tributos para as outras classes, muito menos protegidas pelo destino e por Deus...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.23 Cidade da Conceição, 21 de Agosto de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Cheio de alarmas anda o povo de uma nossa cidade pelo misterioso fato seguinte: um moço, que por diversas vezes se tem feito fotografar, aparece na chapa acompanhado sempre de um esqueleto, elegante e franzino como são todas as figuras ósseas que se despiram das nossas carnes e adiposidades. Como é natural, o fato extraordinário tem trazido em susto contínuo a população inteira da tal cidade mineira, não havendo quem olhe com bons olhos para o pobre rapaz, que, de resto, não tem culpa alguma de ter sido escolhido pelas forças ocultas para representar tão fúnebre papel. Uma loira mocinha, que por ele de amores vivia, espavorida retirou-se da sua imagem, pensando com certeza não lhe ser de bom agouro o ir completar a trindade de tão estranha dualidade; os amigos medrosos fogem dele, temerosos de verem surgir ao seu lado já não espectralmente no cartão fotográfico, mas unido ao seu corpo humano, o estupendo esqueleto.

Para o desgraçado rapaz deve ser bem triste mirar o seu retrato sempre seguido de tão incômoda companhia. Muita gente há que nem por sonhos quer saber da morte, que nem por pensamento quer fixar os olhos na quieta e consoladora Parca; a foice mitológica a cortar o simbólico fio da existência, não é do agrado de todos. Se ele a teme, com que horror não a verá, imponente e escarninha, ao seu lado!

Um companheiro destes, tão opacamente branco, numa eterna postura de volantim leve, de acrobata fantástico, a ensaiar sempre uma curvatura de elegância suprema, quase que inteiramente feito de fosfato de cal, deve entristecer-nos e magoar-nos exuberantemente.

O que somos, todos nós sabemos: mas mesmo por que os ossos são os corpos mais resistentes do nosso organismo, sustentando sempre verticalmente tão grande massa de carne, músculos, membranas, mucosas, intestinos, nervos, - é que não gostamos de pensar neles; ocultos como estão, é bom que os não vejamos, pobres repastos finais que são da morte...

Frontal, temporal, parietal; fêmur, tibia, tarso ou metatarso: os primeiros ou os últimos ossos são sempre a representação do que somos. Que enorme castigo para esse rapaz, que não merecia de certo ver surgir de parelha com a sua imagem a estrutura óssea que cambaleia sob a sua pele!

Mas, depois, quem sabe! será talvez alguma amante abandonada, algum amor primeiro, alguma viagem desprezada, que venha postar-se ao lado do rapaz, cansada talvez de esperar por ele...

Desdêmona mais branca do que os lírios, Ofélia toda feita de lua, Julieta que eras um jasmim de além-mar, qualquer de vós que o esqueleto seja - deixai em paz o pobre moço, e esperai, que ele irá ter convosco!

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.24 Cidade da Conceição, 28 de Agosto de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Quando o regulador público, na noite de 23 de agosto, deixa cair, sonorizando o ar, as doze badaladas fatais, num triste lamento de agonia, eu fico triste e quieto como o histórico mocho que pia eternamente, graças ao talento de melancólico poeta lusitano, na marmórea cruz, e nos salões da pujante burguesia dos nossos tempos.

É que o dia terrível do apóstolo Bartolomeu se anuncia, cheio de vagos prenúncios de quedas e de coices, de pancadas e pancadarias, de corridas e de corredorias, antolhando-se nos tão iminente o seguir para o céu, que é a pátria futura de alguns de nós, como rodar para o inferno, que é a habitação fatídica da maioria dos homens. Nesse dia, eu, pobre cronista do mato, penso nas múltiplas calamidades a que estamos sujeitos. Pode bem ser, digo eu, que o telhado caia sobre o meu crânio, partindo-o em dois; pode bem ser que algum sinistro fantasma surja ante os meus olhos pávidos, e me arrebate para os antros soturnos, para as geenas aterroradoras da... falta de dinheiro.

Tudo é possível neste mundo sublunar e inabitável. Ouçam.

Para zombar da tradição, um amigo meu casou no dia de que falo. Não houve nada demais na primeira noite de núpcias, nem nas seguintes. Tudo na forma do louvável costume. Mas depois, qual foi o castigo? Tremendo. Todos os anos, no dia 24, tinha ele de festejar o aniversário do consórcio.

Sendo dia fatal ficava tão impressionado que nem coragem tinha de olhar para a sua sogra. Finalmente foi-se ele no dia 24 de agosto, muito chorado pelos filhos e por toda a família.

Do que expus, decorre a minha opinião sobre tal dia. Fico em casa, deitado no chão, com medo da cadeira perder as pernas e eu quebrar as minhas; não converso com ninguém, temendo dar uma dentada na língua; não olho para mulher alguma, receoso de apaixonar-me por ela, na avançada idade em que me acho.

E por aqui me fico; os leitores que agradeçam ao acaso a casualidade de não tomarem esta crônica mesmo no dia de S. Bartolomeu, bom cristão que segundo a história reza, andou pregando o evangelho na Índia, na Etiópia, na Licaonia, sendo martirizado na Armênia; há quem diga que ele é o mesmo Natanael, que foi um dos 72 discípulos de Cristo.

E mais longe iria se trouxesse para aqui todo o horror de *La Saint- Barthélemy*, do horrível dia em que por ordem de Carlos IX e Catharina de Medicis foram barbaramente massacrados os protestantes franceses...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.25 Cidade da Conceição, 4 de Setembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Tamalavez porei nestas colunas assunto semelhante ao que vão ler os meus pacientes ledores: a excelente *Guia de Casados* do grande escritor D. Francisco Manoel de Mello que, na frase de Camillo Castello Branco, tem duas celebridades, - a do talento e a da desgraça, - vai-me servir de meta a certas verídicas observações.

Diz o ilustre fidalgo, o qual por laços de sangue se ligava ainda à bastarda casa de Bragança, ex- senhora nossa:

“Guarda de contar graças, nem estremecer sobre os filhos. Tudo isto os faz malcriados, e aos pais é de pouca opinião. As mães querem que os maridos os tragam, e folguem com eles. Não é coisa pertencente a um homem ser ama, nem berço de seu filho. Fazer-lhes aqueles momos, falar-lhes naquela linguagem sua, tudo é indecente.”

E continua o fidalgo estampando um bofé arcaico, tão velho e carunchoso como o advérbio com que abri esta crônica.

Conta com grande espanto que de uma feita viu ele um general lusitano competentemente fardado e municiado, tendo vindo, colijo, de alguma campanha contra *los perros de Castilla*, sair do meio do seu estado maior, às pressas, esbarrando nas dragonas e durindanas portugalenses, e cair, à vista de todos, nos braços de um filho que para ele corria...

E admira que tão grave pessoa pudesse tão pouco consigo.

Não chegarei a este extremo, mas quanto a viver um pai a contar as graças e habilidades dos seus filhos, estou quase de acordo com o erudito escritor. Bem sei que sou incoerente comigo mesmo, pois que tenho contado várias proezas dos carrilhos que enchem meu lar...

Mas, voltando ao assunto, contarei uma historiazinha: conheci uma família em certa cidade paulista que em menos de um ano ficou completamente isolada, sem uma só visita. Era um casal com um filho, e competentes sogros e sogras. O menino, que por sinal se chamava Casusa, era o maior diabrete que tem posto até hoje os pés em brasileas terras.

Fui um dia visitar o pai da criança, e sai de lá com o mais firme desejo de não mais entrar em tão delicioso paraíso.

Quando cheguei, o admirado Casusa estava rodeado pelos quatro avós e pelos pais. Reinava completo silêncio, embebidos que estavam todos na gentileza sem par do pimpolho.

- Muito interessante o Casusa! Murmurei para ser agradável à companhia.

Os quatro avós tomaram ao mesmo tempo quatro pitadas de ótimo areia-preta, e um deles deixou cair uma lágrima pela ponta do aquilino nariz: lágrima cor de café, comovida e triste, mas que em vez de sair pelo competente canal lagrimal, de uma das ventas caíra. Os pais sorriram, olhando-se com tal carinho que me pareceu ver as suas almas pousarem, reciprocamente, os olhos um do outro.

Depois de curto silêncio, começaram todos, quase ao mesmo tempo, a mostrar-me as habilidades do Casusa.

- Como é que o galo canta? – Kikiriki! – Como é que faz a galinha choca? – Crócró! – Como é que o galo arrasta a asa? – Córócó!

E passou pelos meus ouvidos toda a zoologia. Berraram carneiros e cabritos, uivaram cães e lobos, miaram gatos e onças, coaxaram sapos e rãs, piaram pintos, nambus e macucos...

Peguei no chapéu e despedi-me atordoado.

Anos depois passei pela mesma cidade. O Casusa crescera, estava um rapazinho bonito, de dentes claros e cabelos bastos. Indaguei no hotel pela família dele, gente muito boa, em suma.

- Estão todos vivos, disse-me o criado, enquanto me servia a sopa. O Casusa agora arremeda perfeitamente o apito da estrada de ferro...

- Cruz credo! Exclamei.

- E há um segundo filho que repete todas as habilidades do primeiro, tão agradáveis e convidativas...

Escusado é dizer que passei meia légua distante de tal casa.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.26 Cidade da Conceição, 11 de Setembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Volto de novo à *Guia dos Casados*, do desventurado D. Francisco Manoel, de quem contarei a história e triste vida, um dia. Tam-a-la-vez traria o tal assunto à baila, disse eu: no entanto, eis-me de novo com ele às voltas. O arcaico *raramente* com que abri a crônica passada durou apenas oito dias; mas também atendam os leitores que isto aqui é outra seção, embora nascida do mesmo sangue: a senhora crônica deu à luz a senhorita crôniqueta.

Trata o fidalgo, no capítulo XX da sua útil e moralíssima obra dos “cachorrinhos e outros bichos”. Diz ele:

“Não sou de cachorrinhos enfeitados, que sempre têm nomes misteriosos. Já me sucedeu em uma igreja vir-me perguntar um pajem esbaforido se vira eu por ali o cuidado da sra. d. fulana, que andava perdido; e perguntando qual era o cuidado daquela senhora, que pudera bem ter outros, achei que era um cachorrinho daquele nome.”

Proíbe absolutamente a entrada de irracionais em casa. “Papagaios, saguins, são praças mortas, muito escusadas, e que as mais vezes induzem ligeireza.”

Nada de negrinho ou negrinha a quem se digam requebros; nada de enjeitadinhos graciosos, vilões simples (que às vezes, diz o gentilhomen, não são simples), vestidos de cores...

Não ha dúvida de que o afamado escritor tem razão quase que absoluta: cães e macacos em casa só servem para perverter as crianças.

Entretanto; continuemos a ler a capítulo XX. O seguinte trecho, que se refere ao mais poético dos pássaros, surge-nos a princípio como uma heresia:

“Ruysenhol de todo o ano, que canta de noite, e dizem que faz saudades, de que serve?”

Então até os pássaros, essas flores de asas, esses lírios da mais pura inocência, deverão ser banidos dos lares?

Isto é rigor demais, elegante D. Francisco Manoel, doce fidalgo que por amor de D. Mariana de Alencastre, terceira condessa de Villa Nova de Portimão, cruzaste a espada com el-rei D. João IV, às escuras, sem conhecê-lo, na própria entrada do palácio da fidalga adúltera...

No entanto, concluamos o trecho:

“De que servem saudades estando o marido em casa?”

O fidalgo não é, como se vê, contra o rouxinol. A tristeza amorosa, o pesar pungitivo do seu canto poderá desviar a alma da esposa do alvo para que deve sempre convergir: a imagem do esposo.

Sendo o sabiá o nosso rouxinol, é bom que se o deixe suspirar nas selvas e não nas gaiolas...

Vê-se, pois, até que ponto é moral e puro o livro, já bem esquecido, que tenho o prazer de apresentar aos meus mil e quinhentos leitores, que o não conheciam, talvez.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.27 Cidade da Conceição, 18 de Setembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Em Tóquio, dizem os telegramas, indescritível foi o entusiasmo do povo amarelo quando à capital do Japão chegaram os troféus conquistados aos eslavos nas batalhas sanguinolentas travadas ao derredor de Liao-Yang.

Os súditos do Tzar, mais uma vez vencidos por uma raça que o orgulho europeu sempre julgou inferior à sua (não diremos à nossa, porque entre nós há de tudo – japoneses, latinos, saxônios, malaios, africânderes, e africanos...) estarão a esta hora com os súditos do Mikado atravessados à gorja.

E para menos não é. Ignoro qual a palavra moscovita correspondente ao nosso lusitano *viva*, ao nosso tantas vezes secular *hip, hip, urrah!*, Ao nosso latino *salve*: mas imaginemos por instantes que a língua dos russos é a nossa, que os valentes cossacos derrotados falam o mavioso idioma de Camões, de Gonçalves Dias, de Cruz e Souza.

- Banzai! Banzai! Gritam os niponeses.

Ao ouvir tais vozes, o russo (que aqui é considerado português ou brasileiro, não na bravura ou feliz coragem, mas linguisticamente), estremece de ódio, de cólera nunca sentida.

- Banzai! banzai!, isto é: viva! salve! hip, hip, urrah! em linguagem.

Deixando de parte o júbilo público vai o russo (o russo é português, conjecturo), ao dicionário. Bluteau, Moraes, Aulete... Valha-lhe este, que os outros rareiam.

O seu ódio cresce, a sua fúria transpõe montes e vales, pacíficos oceanos e mares atlânticos: de um pinote salta os Montes Urais, abraça a Sibéria, pobre irmã sua, até hoje algemada e pensa, com certo pesar, na vinha d'alhos que o espera à noite ou no seu copo de leite.

- Banzai!

Banza não passa de uma viola reles, adjetivo este chulo que designa o que é plebeu, embora venha de uma bela (para nós) palavra árabe, - rehhalin. A exclamação dos japoneses é, por conseguinte, ofensiva. Banzado é o mesmo que espantado ou desapontado. Ficaram com

certeza os moscovitas extremamente sem graça com a derrota, o que é natural; e foi por isso que os asiáticos gritaram: banzai! Banzai!

Banzear é balouçar preguiçosamente: a gôndola banzeia berçada pelas ondas do lago... Como este verbo não está de acordo com o brado alegre e altivo dos filhos heroicos do extremo oriente, não há ofensa.

Banzo é a saudade cheia de amargura que pousa na alma dos africanos, se cativos se tornam, ou quando longe estão do sol adusto que os beija. Nostalgia de morte.

Banzos, que só no plural aparece, é substantivo referente à carpintaria; paus de escadas de mão onde os degraus se encaixam...

Inofensivo é, portanto o vocábulo admirativo dos súditos invencíveis do Mikado.

Já o russo, que fala nestas insignes colunas a nossa língua, se torna morigerado na raiva que o assoberba: banzai não é insulto, nem exclamação de vitória, pensa ele.

Corre de novo os olhos pelo dicionário e fica pálido e trêmulo, cheio da mais pavorosa vendeta que possa assaltar peitos não italianos.

- Banzai! Ruge o habitante dos gelos. Suprema afronta, injúria inesquecível! Querem os tais amarelos dizer que o famigerado e último combate de Laio-Yang não passou de um banzé de todos os diabos...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.28 Cidade da Conceição, 25 de Setembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Noticiam as folhas brasileiras, em sucintas palavras, que a municipalidade de Kansas (United- States) é só formada de senhoras. Não sei bem se é Kansas ou Ganças: seja uma ou outra coisa.

Se não fossem os tempos bicudos que correm, iria eu dar um giro até lá. Muito apreciáveis devem ser as sessões da câmara daquele mais que feliz município.

Primeiramente reinará o silêncio... Todo mundo sabe que o prazer maior do sexo feminino é falar o menos possível.

Havendo cinco mulheres reunidas é o mesmo que chegarmos ao dia do juízo tal é a tranquilidade que gozamos...

Assim, como eu disse, iria, se pudesse, até lá.

Plena sessão. A presidenta, postada gentilmente na sua cadeira de honra, depois de mirar as suas companheiras uma por uma, declara que a sessão se acha aberta, em vista de haver número legal.

Começa logo em seguida a... tratar dos interesses do município: examina a cara de uma vereadora, que toda se pintou de pó d'arroz, fixa os olhos no nariz de uma outra, que lhe parece grande como o Himalaia, procura ver se alguma das colegas tem dentes postiços ou cabelos a cair, esmerilha as rugas da que lhe está á direita, investiga o modo por que se assenta a que lhe fica à esquerda, esquadrinha a maneira que qualquer delas tem quando sorri, pesquisa o piscar d'olhos da menos visinha...

Enquanto a presidenta se ocupa com estes magnos assuntos, as suas companheiras fazem o mesmo.

- Ora! Diz cosigo lady Bier, que modo de pentear-se tem miss Ale! Nem parece pessoa da alta sociedade.

- Que falta de elegância se nota no todo de lady Bier! Murmura por sua vez miss Ale.

Os mexericos continuam ininterruptamente. Cada uma concerta o mais possível o vestido, os punhos, as mangas.

Está na ordem do dia as saias em forma de sino.

- Vestimenta mais própria para os sacristães, sussurra maliciosamente lady Bass. Miss Bock prefere tratar dos decotes, dos amplos casacos cheios de fitas e rendas.

Variam as opiniões. Ninguém se entende.

Uma diz que não tem culpa alguma haver-lhe o tempo crestado as rosas, outrora florescentes, da face; outra que o fulgor dos seus olhos foi *in illo tempore* comparado ao brilho estelar dos mais belos astros; outra que pétalas de lírio e rosa formaram a sua mais que mimosa epiderme...

- Fui muitas vezes comparada a Vênus, surgindo das espumas...

- de um copo de cerveja, conclui a vereadora visinha.

- Os mais exigentes poetas vieram beber inspirações ultrarromânticas nos meus olhos...

- Antes fossem beber uísque numa taberna, murmura a colega que está mais perto.

Assim continuam, sempre dizendo umas das outras o que o diabo não diz de qualquer outro diabo que o carregue.

Com o calor das discussões incendeiavam-se as faces, fuzilavam os olhos em ira coruscante, as matronas estremecem farfalhantemente sobre as adiposidades em que se baseiam, o charivari é completo...

- Silêncio! grita a presidenta, tangendo os tímpanos.

- Olha o diabo da velha! gritam as camaristas, arrastado as cadeiras e encerrando a sessão.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.29 Cidade da Conceição, 2 de Outubro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Comido o meu motreco de pão, de conserva com algumas fatias de condensado queijo, passei a ponta da rósea unha que exorna o meu polegar, pela amplidão senegalesca da extensa calva que outrora me entristecia, mas que hoje, depois de velho, me é doce como um espelho em que deidades se mirem, - e pensei na irremediável tristeza da vida.

Que figura faz na terra um homem sem ilusões?

Vindo-me ao pensamento esta pergunta, todo o meu rosto se envolveu na mais escura melancolia que tem baixado a este mundo: para disfarçar, presentindo as lágrimas quase que a descer torrencialmente, tomei uma pitada, procurei o meu alcobaça e chamei pela meninada que toda me rodeou.

Fui à burra, de lá arranquei uns níqueis e fiz a devida divisão. Como um bando de pássaros, as crianças voaram, alegres, hílares; passado aquele instante de riso, de novo aprofundei-me em pensamentos tristes.

Ah! Sim. Que eterno desconsolo esta luta diária pela existência, esta enorme e universal miséria de viver entre enganos, este tedioso e ininterrupto (só a morte o interrompe, e com que demora!) perpassar de dias vagarosos, mornos, impossíveis, tão semelhantes uns aos outros, na infelicidade, no desânimo, no inevitável abandono em que vivemos.

A ventura é uma sombra mentirosa. Impalpável como todas as sombras, intangível como o éter, desfaz-se rápida ao primeiro desengano. Quem pensar que a possui um dia, e ilude-se. Ela é como o olhar que nos deita uma mulher bonita: vem célere esvai-se como fumo.

Todos somos desgraçados, porque, na verdade, a desgraça é a rainha onipotente que nos domina: afivelamos, é certo, uma máscara ao rosto para que os outros nos julguem felizes; mas quanto nos custa trazê-la! Somos como aquele rei indiano que, tendo o rosto envelhecido, mandou fazer uma máscara de ouro, que reproduzia suas antigas feições. No trono, brilhava o seu semblante mais que o sol; no leito, as suas amantes, entristecidas, banhavam-se em pranto.

Todos trazemos, presa ao nosso rosto, uma máscara semelhante.

Quantas vezes somos obrigados a rir, a parecer alegres, quando o horrível nó do desespero nos constringe a garganta desapidadamente; vem-nos tantas vezes o sorriso às faces ao mesmo tempo que as lágrimas nos brotam dos olhos, fonte castália de todos os pesares...

A terrível incerteza que nos cerca, a dúvida lancinante em que vivemos, desconfiados de tudo e de todos, é a única realidade da vida.

Estava eu engolfado nestes pensamentos lúgubres, verdadeiro bando de corvos a grasnar ao redor de mim, quando ouvi uma voz amiga.

Eras tu, doce criatura, lenitivo único da minha vida! Tinhas como sempre o rosto imaculadamente triste, mas de uma tristeza angélica, contrastando suavemente com a mágoa satânica do meu desconsolado semblante...

Conversaste sobre flores e sobre aves. Amavas o crisântemo de ouro, a tulipa cor do céu, o lótus ensanguentado do Eufrates; possuir um rouxinol, um ruiseñol, era o teu mais dourado sonho...

Alegrei-me de novo por instantes, e mirei-te, minha filha, como o suavíssimo S. Vicente de Paulo devia mirar as criancinhas.

E como se fizesse tarde, aproveitando a bem-aventurança que me viera da inconcebível inocência dos teus olhos, enfiei na cabeça, pois que temo os defluxos impertinentes, a carapuça de lã, até as orelhas, e caminhei vagarosamente para o leito, com o castiçal na mão e a alma tão tranquila que eu julgava levá-la dentro do bolso do meu amplo camisolão noturno...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.30 Cidade da Conceição, 9 de Outubro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Confesso hoje ao público onipotente que estava totalmente na mais terrível e absoluta falta de assunto que haja martirizado um cronista. Fiquei seriamente mazorro e incomunicável, temi que a minha veia crônica se achasse exaurida, e que eu, em vez de fazer correr pela imaculabilidade das tiras do almaço os batalhões do meu cursivo de ex-amanuense, fosse obrigado a dedicar-me à indústrias mineiras: fazer queijos ou vender porcos pelo queixo...

Pensei em seguida, ao escrever a palavra queixo nas eternas queixas do povo, e lembrei-me de um tio já falecido que inventara para gaudio próprio este horrível jogo de palavras, quando se tratava da fome pública:

“Quem tem queixo, queixa...”

Depois de ter repetido tão assustador calembour, só me faltava subir a mais alta pirâmide do Egito, e lá esperar tranquilamente, de acordo com mestre Flammarion, o fim do mundo. Eram só dois mil anos de espera, coisa insignificante para quem, como eu, tem certeza de ouvir ainda vivo a tonitruante trombeta do vale de Josafat.

Outros horrores passaram pela minha alma vertiginosamente: a tomada de Tróia, o terremoto de Ulissipo, as erupções do Vesúvio, e... as próximas eleições.

De repente, passando os olhos pelos jornais que tinha sobre a mesa, alegrei-me com exorbitância, e fiquei mais ou menos reconcentrado como quem vai realizar o intento que o afligia.

Mais uma vez os estupendos Estados Unidos da Norte América vinham em meu auxílio: a notícia que acabara de ler no *Jornal do Comércio*, não deixava de ser assaz curiosa e dava campo largo para as más línguas se expandirem.

Todo o mundo sabe que nada que nos vem de lá nos põe admirados: tudo é o mais natural possível, e desde que tal coisa em terras de Tio Sam aconteça, ficamos nós um pouco boquiabertos, mas não de todo idiotizados...

É o caso que em Salem, no Estado de Wisconsin, houve um congresso de solteironas, a fim de protestar contra as propensões anti-matrimoniais dos moços de lá.

O salão estava repleto. Havia uma miss de setenta anos, a presidir a reunião. Era a mais enérgica e furiosa. Depois de ter colhido tantas violetas no prado da existência, via-se sem a menor esperança de achar casamento.

Odiava os celibatários, e tinha vontade de esganar um que orçava atualmente pelos oitenta: estava careca como uma bola de bilhar, feio como um chimpanzé, e vivia, no entanto a namorá-la, sem decidir coisa alguma...

Propôs e justificou uma indicação para que se reclamasse dos poderes públicos a decretação de uma taxa anual de 200 dólares (cerca de 800\$000 rs.) para todos os celibatários, que, além disso, perderiam os direitos civis e políticos até casarem.

Uma verdadeira revoada de palmas coroou as últimas palavras da jovem senhorita: foi abraçada por todas as donzelas presentes, tendo no ato perdido os óculos e uma ou duas pitadas de ótimo pó.

Finda a extraordinária manifestação de apreço congratulatório, reinou por dois ou três minutos silêncio absoluto: os celibatários que, na verdade, são os homens mais egoístas do mundo, passando pela vida na mais religiosa autolatria, padeceram a valer.

Logo outra senhorita de idade menos venerável (65 anos apenas) pediu a palavra, e objetou: mas com estas tão rigorosas medidas os mocos todos se mudam para os outros Estados, e nós ficamos a ver navios...

A reflexão da preopinante foi mesmo um balde de água fria na fervura.

Uma não houve que não abaixasse o semblante, onde as rugas, tristes lírios da velhice, se encruzavam tortuosamente.

- Pois então, disse a presidenta, fazendo passar pela sua voz, tremulamente, todo o desconsolo dos seus setenta outonos, – esperemos!

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.31 Cidade da Conceição, 16 de Outubro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

O martirologico está cheio das mais espantosas abnegações pela fé cristã. Os mártires, como que dominados pela anestesia do êxtase, recebiam, sorrindo, com os olhos candidamente fixos no miraculoso azul do céu, os mais espantosos suplícios.

Arrancavam-se-lhes os olhos, as unhas, os dentes; deslocavam-se-lhes os membros, e tenazes de ferro em brasa distendiam, até arreventá-los, os seus nervos doloridos: nada disso fazia com esses admiráveis cristãos dos ardentes séculos de fé e amor a Jesus, soltasse o menor gemido, desse o mínimo gemido demonstrativo do nunca sonhado martírio que os ciliciava desapiudadamente.

O suplício da roda, horrível, inumano, era um consolo para eles: tantas santas, estendidas, deitadas receberam a medonha morte que as aguardava como se estivessem em leitos de rosas e lírios, entre almofadas de tulipas e crisântemos. E a cruz, a Cruz que o Corpo d' Ele santificara, era a maior esperança dos mártires, era o desejo inominado da maior parte deles.

Mas entre todos os sacrificados, entre essas vítimas da fé supliciadas pelo paganismo (vem a pelo dizer que séculos depois a Igreja instituindo a Inquisição, procedeu da mesma forma com milhares de inocentes, - o que mais uma vez prova que todo o mundo gosta de seguir os maus exemplos), entre todos os sacrificados pelos imperadores romanos, quatro há dignos da mais fervorosa, da mais extraordinária admiração.

Abro aqui um parêntese para que os meus leitores não caiam das nuvens abruptamente, e deixem tombar os óculos com o choque por que vão passar; ou quebram os respeitáveis narizes... E também para que as minhas gentis leitoras (pois sei que toda moça gentil me lê com toda a cortesia e simpática atenção que aos cronistas são devidas), não passem por algum fla (...) Reinava o imperador Deocleciano, um dos mais ferozes e famigerados perseguidores do cristianismo. Mandou que à sua Imperial presença viessem Os Quatros Santos, que eram irmãos e se amavam de uma amizade que já entre irmãos não existe.

- Que abjurassem as heresias do rabi Jesus de Galileia, disse-lhes.

Como resposta os Santos volveram para o céu os olhos, pondo as mãos em cruz. Seguiu-se o pavoroso silêncio que precede aos grandes suplícios.

Deocleciano mandou então que trouxessem um ídolo para que os Santos o adorassem de joelhos, ali, diante de si e da sua corte, diante da fina flor do paganismo. Duas escravas gregas, esplendidamente vestidas... ao natural, quase, trouxeram a estátua exigida. Era a figura de Esculápio, o deus da medicina.

Contendo uma gargalhada homérica, os Quatro Santos entre olharam-se, e ao mesmo tempo viraram as costas para o divino Esculápio.

E como os Santos não quiseram adorá-lo, foram condenados a morrer açoitados. Cumriu-se a ordem. A Igreja festeja-os a 8 de novembro.

Como os tempos mudam!

Hoje qualquer Esculapio vulgar tem a adoração dos povos; o que mais me admira é que o ídolo antigamente era de bronze ou mármore, e que atualmente é... po(...)Ada.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.32 Cidade da Conceição, 23 de Outubro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Tath-ching-kouan, o celeste império amarelo dos chineses, ou simplesmente a China, como nós os bárbaros nos exprimimos, é talvez o país mais original do globo terráqueo.

Mais rotineiros que os nossos fabricantes de queijos, os chineses acham-se em estado de civilização relativamente atrasada: tendo esse povo descoberto, antes do europeu, a bússola, a pólvora, a imprensa, ainda agora não essas descobertas imperfeitas por lá.

Riquíssima, porém, é a literatura dos crentes de Koung-Fou-Tse, compondo-se de milhares de obras, escritas na mais difícil língua do universo: cem mil caracteres tem a escritura do povo de olhos talhados à feição de amêndoa, como disse o poeta. São espécies dos nossos algarismos, representando não os sons, mas as ideias.

Assim, raro é o chinês que conhece toda esta aluvião de sinais gráficos.

Entre todos os países do mundo, é lá onde se cultiva o *savoir-vivre*, a cortesia, o cavalheirismo, em mais alto grau.

Dois chineses que se encontram, desfazem-se nos mais cerimoniais rapapés que têm aparecido no mundo: faz o primeiro uma circunstanciada cortesia, que o outro reproduz com mais ênfase ainda. Segue-se outra cortesia, retribuída da mesma forma e são elas reproduzidas até o numero de cinco. Na quinta, os dois gentlemen se aproximam um de outro, e pegam com o index e o polegar nas pontas dos recíprocos narizes: é este aperto nasal o sinal de despedida.

Se acontece um deles olhar para traz, ao mesmo tempo que o outro olha, é de rigor uma grande cortesia mútua, em arco de pipa; do contrário passariam dois celestiais cavalheiros pelos mais malcriados filhos da terra.

Como vêm, é um costume excelente, principalmente para quem vai com pressa, ou tem de chegar à hora fixa em qualquer lugar: na repartição, por exemplo, no ameno prado de uma entrevista amorosa, ainda mais por exemplo.

Mas é incrível a que ponto chega a delicadeza dos chins. Ninguém pode concordar com um elogio que à queima roupa receba. - És um varão probo e sisudo, honesto e trabalhador, inteligente e sensato, diz-nos um filho do celeste império. É engano teu, prudentíssimo senhor; sou desonesto, alegre, sem senso, vagabundo e burro como uma coudelaria em peso, manda a boa educação que se responda.

Cá entre nós, quando muito, murmura-se um “**são bondades do senhor**”, muito manhoso e túbio, como quem está de pleno acordo com todo aquele pomposo elogio.

Da mesma forma, é de regra não se receber elogios feitos a qualquer pessoa da família sem que se responda ao reverso do que se ouve.

- Como vai a útil saúde de vossa celestial esposa, desse lírio perfumado pelas auras do céu, doce crisântemo que floresce e brilha como as estrelas do azul, estrela suavíssima que cintila como as flores douradas das vestes de um mandarim, primor e maravilha da criação?

- Qual! Responde o outro, o diabo da velha está feia como a necessidade, amarela como um cidrão, morrinhenta como um canteiro de alhos e cebolas; estou aflito que o estupor estique as canelas...

É este, segundo afirmam conspícuos jornais, o requinte da delicadeza na China.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.33 Cidade da Conceição, 30 de Outubro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Nímio e superabundante no entusiasmo patriótico de exercer as minhas funções cívicas, hei de levar o meu devotíssimo voto à boca da urna.

Completamente escovada se acha a minha ancestral sobrecasaca, de grandes abas farfalhantes, um pouco esverdeada pela ação calamitosa do tempo ingrato; as minhas calças pardas (parece que nesse dia é esta a cor de rigor) estão passadas a ferro, lustrosas e corretíssimas, sem uma ruga, sem o sinal de uma dobra.

Como um abade em plena florescência, na prosperidade dos bons tempos do abadágio, levarei na destra o báculo abacial que me livra de escorregadelas imprevistas e na esquerda a cédula independente.

Graças ao progresso e aos passos que na senda do mesmo não cansa a humanidade de dar, sempre avante, sempre em escala ascendente, já se não efetuam as eleições nos impróprios lugares dos tempos idos, quando a religião se achava de tal modo unida ao estado, que até o direito do voto era exercido nas matrizes, com grande desrespeito aos santos e santas.

Naqueles ominosos tempos, ultra excessiva era a fúria partidária: os partidos beligerantes eram verdadeiras alas guerreiras, mais ferozes que os russos e os nipões.

Os conservadores e os liberais, ou (como na gíria eram chamados) os cascudos e os chimangos, odiavam-se profundamente. Não havia amizade entre famílias de diferente credo político.

Rosita, por exemplo, era uma bela menina de olhos celestiais e de cabelos em canutilhos de ouro; sorrindo, espalhava pelo chão pérolas de Ophir e rosas de Itatia. O seu pai, ginja honrado e circunspecto negociante de secos e molhados, passava por um dos mais fortes baluartes do partido conservador, tinha o retrato do grande estadista Cotegeipe na sala de honra e pusera na cozinha toda a gloriosa galeria liberal.

Indo, ilustra missa, fora insistentemente fixada por um impertinente par de lunetas: olhou para o portador das ditas e viu que era um mancebo romanticamente fatal, de esparsas melenas desgrenhadas e palidez trovadoresca.

Encetou-se o lírico namoro dos vinte anos, e uma tarde, de cartola e fraque, foi um amigo do namorado pedir oficialmente a mão de Rosita.

- Sr. Sinfães, estou encarregado por parte do meu amigo Macário Barbosa, que deseja casar-se com d. Rosita, de...

- A que credo político pertence o Macário? Rosna o sr. Sinfães, pitadeando estrondosamente.

- Ah! Como sabe, tão moço ainda, começa ele a representar brilhante papel nas fileiras liberais...

- Pois está dispensado. Raça de chimango não entra na minha família...

Assim acontecia quase sempre.

Para que reinasse paz, eram feitas as eleições nas matrizes: no entanto, de nada valia isto, pois que o charivari eleitoral não tinha consideração alguma pelas imponentes imagens.

Os santos, alheios às fraudes, pouco se importavam com o enxamear de capangas e meirinhos politicões: olhavam para o teto da igreja, muito sérios e compungidos, e não davam fé do que ao redor dos seus olhos se passava.

Tudo hoje está para melhor, dizem uns, para pior, murmuram outros; nem bem nem mal, é o certo, mas suportável, contudo.

Surgem mentiras e calúnias como espirais de névoa em tempo de frio, no alto dos montes; no fim, porém, dará certo, e não há de ser nada, espero.

- Às urnas! Clangorosamente berrarei aos eleitores; e como bem avisado andou o governo escolhendo o dia do todos os santos para as próximas eleições, que cada um vote no santo da sua devoção, que votarei no meu...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.34 Cidade da Conceição, 6 de Novembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Este malfadado dia de todos os santos quase que foi para mim o dia de todos os diabos. Olhei, mirei e contemplei as carantonhas e caraças dos chefes da grei manhosa: todos estes, severos e mais que imponentes, fizeram com que as minhas pernas se agitassem tremulamente. Carões de poucos amigos, em suma.

Sou tímido por natureza, e quando fito certos semblantes, sinto-me extraordinariamente alvoroçado; poucas almas se correspondem com a minha, poucos olhos podem refletir-se nos meus.

Encostado a um canto, como que alheio a sussurrar incessante do avultado grupo de eleitores, pude observá-los comodamente.

Correra a noticia de rolos e mais rolos, grossa pancadaria, navalhas e facas a luzir no ar como se fossem raios de sol, grandes revoltas de energúmenos politicões estomagados.

Ao primeiro lance de vista vi que tudo correria na forma do louvável costume.

Variadíssima era a coleção eleitoral. Eleitores para todos os gostos. Um bazar. Uns tristes como a própria tristeza, uns jovens como a mocidade, outros mais velhos que a velhice...

Animava-os um forte entusiasmo patriótico, mas todos pareciam muito em desacordo com os boatos de sanguinárias lutas e porfiadas batalhas. Cifraram-se estas apenas em escamoteações inocentes. Uma maravilha.

Um após outro, ia o livre cidadão levar a sua célula à boca da urna, que a tragava e engolia naturalmente. Houve eleitores tão livres que receberam a chapa ali à vista de todos, levando mais de um mal quarto de hora a lançar no livro próprio as letras respeitáveis dos respectivos nomes.

Felizmente, para honra do partido dominante e que dominará até o fim deste ano da graça, ou chapeados eram recrutas das hostes contrárias.

Estava eu embebido nestas observações, quando ouvi a chamada do meu nome. Uma centena de outros me tinham antecedido; para dar-me certos ares de importância esperei que repetissem a chamada.

Segui enfaticamente, depois de sacudir as empoadas abas da minha sobrecasaca e de alisar os fios do meu antiquíssimo bigode. Convicto como ia da importância da minha função, senti que todos convergiam os olhares para mim.

Num rápido momento passou-me pela ideia um pensamento aterrador: rebentará a terrível desordem no instante preciso de cumprir este criado de vossas senhorias o seu dever incontestável?

Outro nome soou vagarosamente. Voltei para o meu canto e pus-me a observar de novo a monótona sequência de eleitores que iam pacificamente e que voltavam com a maior paz possível.

As minhas apreensões de luta sumiram-se totalmente; esqueci que o dia de amanhã era o trágico dia de finados, e vi que tudo corria bem para aqueles que tentavam senhorear-se das priscas rédeas do poder.

E afinal, depois de tantas bravatas, de tamanha ostentação de grupos que entravam na cidade como se fossem levas de trabalhadores que iam para a mata, tudo terminou pacatamente.

Entre os mortos e feridos, todos escaparam, inclusive quem assina mais uma vez esta crônica.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.35 Cidade da Conceição, 13 de Novembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Extraordinariamente patriótica é a frase, segundo uns, ou a palavra, segundo outros, com que Cambrone respondeu à intimação inglesa na célebre batalha de Waterloo.

E ainda mesmo assim há duvida se foi o general Cambrone, ou o coronel Michel, quem a pronunciou, - frase ou palavra.

Era no final da sanguinolenta batalha. Últimos despojos da velha guarda francesa, restavam punhados esparsos de valentes, perdidos e misturados pelo vale. Um general brada, admirado por tanto valor: Rendei-vos, franceses! O general francês responde: A guarda morre, mas não se rende!

- É isto o que nos conta Thiers, o grande historiador do consulado e império napoleônicos. Mas Victor Hugo, na sublime epopeia dos *Miseráveis*, não põe em dúvida alguma que se trata apenas de uma palavra, enérgica o irrespondível, e não de uma frase.

E esta palavra foi que caiu no domínio público. A frase, por mais histórica que seja, ficou ignorada do vulgo.

Traduzamos para aqui o grande épico:

“Quando esta legião não foi mais que um punhado, quando a sua bandeira não foi mais que um trapo, quando as suas espingardas sem balas não foram mais que bastões, quando o monte de cadáveres foi maior que o grupo dos vivos, houve entre os vencedores uma espécie de terror sagrado ao redor desses moribundos sublimes, e a artilharia inglesa, tomando folego, fez silêncio. Foi uma espécie de moratória. Os combatentes tinham ao redor de si, como um formigamento de espectros, silhuetas de homens a cavalo, o perfil negro dos canhões, o céu branco entrevisto através das rodas e das carretas; a colossal caveira que os heróis veem sempre na fumaça dos canhoncios, no fundo das batalhas, avançava para eles e os olhava fixamente. Puderam perceber na sombra crepuscular que de novo se carregavam as peças de artilharia; as mechas incendiadas, iguais a olhos de tigre em meio da noite, fizeram um círculo ao redor das

suas cabeças; todos os artilheiros que brandiam as mechas das baterias inglesas aproximaram-se dos canhões, e então comovido, tendo o minuto supremo suspenso dos lábios sobre as cabeças desses homens, um general inglês, Colville, segundo uns, Maitland, segundo outros, exclamou-lhes: **“Rendei-vos, bravos franceses!”** Cambrone respondeu: **“.....!”**

Devendo o leitor francês ser respeitado, a mais bela palavra que tem talvez saído dos lábios de um francês, não lhe pode ser repetida.

Até aí o imortal Hugo.

À palavra de Cambrone, o general inglês bradou: **“Fogo!”** E o punhado de bravos foi varrido pela metralha inglesa.

Com o correr do tempo **“a bela palavra”**, que só bela se tornou pela ocasião sublime em que foi exclamada, continuou a ser repetida menos belamente...

Logo depois que se publicou o célebre livro de Hugo, houve um processo verbal, movido por Cuvillier-Fleury, redator dos *Debates*, para se averiguar a verdade histórica: Frase ou palavra? Quem era o autor da exclamação?

O conde Michel, filho do coronel companheiro de Cambrone, apareceu em público. Provou, com depoimento de um soldado escapo por milagre à mortandade, um tal Delean, que a frase tinha sido bradada durante o fogo, por três vezes, pelo seu pai.

Quanto à palavra, a glória de havê-la exclamado pertence à Cambrone, parece.

Mas com certeza o conde Michel deve ter vivido pesaroso por não ter podido gravar no seu escudo a palavra que o maior poeta moderno francês declarou ter sido **“le plus beau mot peut-être qu’un Français nit jamais dit...”**

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.36 Cidade da Conceição, 20 de Novembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

As feiticeiras foram, de conserva com os pastores e os carrascos (ótimos veterinários eram estes últimos e peritos em restabelecer em seus lugares os ossos deslocados), os únicos médicos durante a idade media.

Paracelso, o iluminado doutor da Renascença, aquele que primeiro escreveu (e genialmente) sobre as doenças das mulheres, confessa ter queimado todos os livros eruditos da antiga medicina, latinos, judaicos, árabes: tudo quanto ele aprendeu, tudo que ele sabia viera da medicina popular, da ciência observadora dos zagais, da inteligência superiora das bruxas, da prática horrível dos algozes nos suplícios infligidos às vítimas.

As feiticeiras, então, dominavam como rainhas absolutas os conhecimentos médicos daqueles priscos e nebulosos tempos: por toda a parte eram elas as parteiras respeitadas, as únicas pessoas capazes de levar auxílio às parturientes em perigo de vida.

Da sua medicina, diz Michelet, o que melhor sabemos é que elas empregavam, ou como estimulante, ou como calmante, uma grande família de plantas, equívocas, muito perigosas, que prestavam os maiores serviços. Eram as solâneas, -as consoladoras.

“Família de tal forma numerosa que um só dos seus gêneros contém oitocentas espécies...”.

E, no entanto, as mães da medicina começaram a ensaiar, ao acaso, audazmente, as terríveis plantas, onde há de tudo, desde o mais inofensivo calmante até o mais terrível veneno.

E no meio das caligens densas, das trevas impenetráveis que envolviam calamitosas eras, a bem fazeja feiticeira aparecia, não como o vulto benemérito de um anjo que espalhava às mancheias curas milagrosas, mas como a amante sinistra de Satã, a receber deste os segredos misteriosos dos filtros que dão força, dos encantamentos que transformam em lírios os seios cancerados e em rosas purpurinas os lábios abertos em chagas...

Surge a beladona, o veneno horrível que dá vida, nectário e misterioso; como o clorofórmio, tantos séculos depois empregado, ela adormecia as mães em dores de parto, e a criança nascia precipitadamente.

Às mãos das feiticeiras, as dores dormitavam: elas tinham o amor que nos suaviza, o esquecimento que nos embala preguiçosamente, a paixão que nos estimula em doces magnetismos sagrados...

E tudo vinha dos poderes mágicos, passavam bruxas apegadas ao braço dominador dos nigromantes, fadas que se vestiam de farrapos de céu, com os olhos muito claros e serenos, cansados de receberem a luz das estrelas presagas, feiticeiras velhas e trôpegas, encarquilhadas e estupendamente feias, com os curvos narizes a bicar a ponta dos ossudos queixos, duendes fatais que alucinavam as crenças e vampiros sanguisedentos que empalideciam as virgens...

E o diabo e a medicina andavam nisso tudo.

Assim, dada a correlação entre a feitiçaria e a medicina, sendo esta a filha daquela, não me admiro absolutamente das cenas que se deram por ocasião das eleições.

Veio um latagão sisudo e espalhou a *mandraca* na cidade: com quatro sinais benzeu-a, levando a mão aos quatro pontos cardeais... Os próprios santos não ficaram sossegados nos seus nichos: foram rogados, por eles suspiraram.

As promessas confundiram-se com as artes do tinhoso; e eu, com medo de ficar enfeitiçado, o que equivale a declarar-me diabolicamente danado, corri ao meu manual de bênçãos, e encontrei aquela que a página 299 S'. Quitéria aconselha a quem está ou temo chegar a tão horroroso estado.

E em voz grossa, psalmodiei:

“... a rabie diabólica, libera-me!”

JOÃO CARRILLO

ANO 1 – NUM.37 Cidade da Conceição, 27 de Novembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Teósofo, ocultistas, magos e cabalistas, almas que andais errantes e tristes pelos vergéis fantásticos do mistério, espíritos sedentos do ideal e de ciência, corpos astrais que translucidamente sonambulais pelo éter sublime, guiados por Éliphas Lévi, amparados por Fabre d'Olivet, **podeis limpar as mãos às paredes, e cobrir os rostos pálidos com elas, pois que nunca vistos prodígios se deram no canto do mundo onde os segredos da bruxaria vieram envolver, entre véus de sigilo e evocações pagãs, a grande e estupenda farsa das tricas eleitorais.**

Não estamos de certo diante das cenas da magia puríssima, não contemplamos os fenômenos astrológicos dos evocadores dos mortos, não nos cerca o fluido que do médium se desprende e se combina com nosso próprio fluido, os elementos de Allan Kardec, os seres intangíveis e imateriais do espiritismo não se erguem ante os nossos olhos medrosos, nem os terríveis espíritos caceteiros nos desancam com sovas magistras de marmeleiro de pau mulato...

Não! A coisa não se envolve em aparatos tão trágicos, as cenas não se sucedem tão misteriosamente aterroradoras, mas, com o ter o sal ático de uma pilheria, não deixa tudo quanto se deu em certa localidade muito nossa conhecida de ser pavorosamente prenhe de sacrilégio e necromância...

A arte esquecida dos feiticeiros resurgiu brilhantemente, e os atos que se praticaram nos tempos medievos, com mais pujança apareceram, amaldiçoados por certo pelos manes de Bodin e do Del Rio...

Desde o dia em que St.^a Helena, mãe de Constantino convertida como eu filho ao cristianismo pela **aparição no céu da legenda sagrada** « *In hoc signo vinces* », que desde então brilhou, como brilham as estrelas e as cruzes, no *labarum romane*, - desde o dia em que a Santa Patrícia fez a descoberta da Cruz do Redentor, tem sido ela incomodada por diversas vezes para fazer outras descobertas...

Colombo, depois de descobrir a America, sossegou: Santa Helena, depois de descobrir a Cruz, padece desassossegadamente...

Deu-se na tal localidade a representação do célebre responso, por outras intitulado o sonho de Santa Helena.

Um tipo já meio dos de barbas de lona e perua fina, com ares de teitieirol, contou-me que o fato era verídico: houve quem evocasse a Santa, à meia noite, envolto o corpo num sudário branco, dolentemente estendidas as formas femininas, numa grande abstração de espírito...

E Santa Helena apareceu e disse quem teria a vitória nas eleições... Pobre imperatriz! Repudiada pelo teu marido, longe do teu filho até o dia em que Jesus veio ao encontro dele e ao teu, só te faltava isto...

Mas sorte pior estava reservada ao doce e caridoso Sto Antônio de Pádua. Para que os eleitores não tivessem a tentação de virar à última hora as suas respectivas, casacas políticas lembrou-se alguém de infringir ao Sto um suplício que comumente só aos leitões se infringe: para o almoço dos eleitores foi preparada uma panelada enorme, e na hora em que esta fervia, atiraram o Sto no meio dos legumes, com toda a sem-cerimônia.

O Santo remexeu e pulou, no meio do fervedouro, até que pode atirar do lado de fora da panela o Menino que carregava...

Estava feita a mandraca.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.38 Cidade da Conceição, 4 de Dezembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

O ritual católico obedece a regras imutáveis, a uma série ininterrupta de cerimônias consagradas que tornam o culto solenemente belo.

Daí a sua grandiosidade, amparada pela mais suntuosa liturgia que tem aparecido sobre a terra.

E a liturgia unida ao simbolismo, que é a essência mesma da religião romana, faz com que as almas humildes se realcem ao céu, obriga as almas orgulhosas a baixarem à terra.

Todas as cerimônias do culto, na admirável sequência de símbolos, enchem de luz os espíritos crentes.

No entanto, em meio de tanta magnificência, surgem dúvidas e perguntas que até aos profanos parecem inúteis...

É relativa à missa a última que lemos no órgão diocesano. Todos sabem o que é a missa, o ofício divino com que a igreja comemora o sacrifício de Jesus pelos homens. Nos manuais de piedade vêm estampadas, com a sua explicação simbólica, os mistérios desse ato.

O sacerdote é a figura de Cristo; a sua coroa é a coroa de espinhos; o amicto, o pano quadrado que ele põe sob a alva, é o véu com que vendaram os soldados os olhos do Senhor; a alva é a veste branca com que Herodes o envolveu, por escárnio: e o manipulo, que é o cordel com que foram atadas as suas mãos, e a estola, que é a corda que lançaram sobre o seu pescoço, e a casula que é a túnica de que o despiram, e tudo mais, - cruz, corporais, cálice, patena e hóstia,- significa um dos episódios da vida do Redentor.

A alma humana segue, ouvindo uma missa e prestando toda a atenção ao acólito que representa o povo, todos os passos dessa Vida que foi tão breve, mas que há de durar por toda a eternidade.

No entanto, como disse, vem de vez em vez uma pergunta que serve simplesmente para interromper o êxtase de um bom cristão.

«Havendo igrejas em que fica a sacristia por trás do altar, qual o lado por onde deve entrar o celebrante, e por qual deve sair, acabada a missa? »

Simples questão litúrgica que bem podia ser resolvida assim, à maneira dos contos da carochinha: que o padre entre por uma porta e saia por outra...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.39 Cidade da Conceição, 11 de Dezembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Que o feiticeiro recebe do seu mestre o dom da fascinação, di-lo qualquer livro que trate do satanismo ou da magia.

O mestre do feiticeiro é aquele ser para muitos supremo que nos inspira e nos põe invictamente orgulhosos da nossa condição transitória. É ele quem nos insufla os maus pensamentos, as vinganças mesquinhas, as tristezas que julgamos alegrias, as lágrimas que queimam mas que nos suavizam, tudo que nos martiriza ocultamente, que nos oprime o peito mas que o reconforta, cingindo a nossa alma dentro de um círculo vicioso, cheio de horizontes que jamais a nossa vista alcança...

O mestre do feiticeiro é o diabo. Muitos rirão ao ler este nome aqui escrito com todas as suas 5 letras fatais. E mais letras teria, e mais fatal seria ainda, se em latim escrevêssemos a maravilhosa e aterradora palavra...

O diabo é a duvida, a revolta, o desespero: em nada crê, desde que se julgou rival do seu criador; a nada obedecerá, desde que arrojado à terra, tenta lutar ainda com aquele que o atirou por sobre o lodo do mundo; nada espera, porque a desesperança é o seu destino.

O feiticeiro, criado á imagem de Satã, tornou-se como ele inflexível e impassível: pelo mesmerismo dominará os fracos, trará as correntes magnéticas dos seus olhares às almas dos simples, dos bons, dos velhos, das mulheres.

Diziam os inquisidores que só três lágrimas podia ele deitar pelo olho direito: o dom das lágrimas, como diz a Igreja, desprezou-o. Vedou-lhe Deus o consolo suavíssimo de chorar.

Ele é (Jules Bois declara admiravelmente) o primeiro, o mais sincero, o único anarquista.

Como é natural, quando, surge pelas roças um desses adeptos inconscientes do satanismo, começa a catequizar os espíritos mais fracos: das mulheres lhe vem toda a força indomável, todo o poder que parece feito de poeira, mas que se cristaliza perduravelmente, inabalável como rochas.

Por um absurdo singular, sempre o feiticeiro tem a seu lado um ente da religião: o representante de Deus aperta nos braços aquele que personifica o anjo decaído, o luciferino arcanjo em eterna revolta.

O sagrado companheiro do feiticeiro é sempre um monge que atirou de lado todas as virtudes e todas as máximas do evangelho. Só a veste talar o distingue dos outros réprobos.

Essa dualidade forma uma personalidade terrível e única; poucos poderão vencê-la...

E em política então, herói será aquele que esmagar a dupla cabeça dessa hidra!

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.40 Cidade da Conceição, 18 de Dezembro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Está o ano a expirar numa agonia lenta de moribundo que se vai desta horrível vida humana com o mais inconsolável pesar, com a mais aprofundada mágoa...

Ele, pobre ano! Há de mirar, como qualquer mísero mortal, no final da inevitável partida, os meses tão fugazes que viveu, uns coroados de esperanças outros envoltos em lutuosos véus de crepe.

Há de surgir-lhe diante dos olhos o chuvoso janeiro tão triste, cortado apenas pelo riso do veranico, maio com suas loas a Maria, junho com o seu frio que faz S. João tritar, agosto avermelhado pelas queimadas, e setembro todo engrinaldo e perfumado pelas flores de laranjeiras, tão suaves como saudades de beijos mortos...

E o mísero velho, encanecido apenas com doze meses de idade, há de confiar as longas barbas de ermitão solitário, e há de cerrar os olhos trêmulos e pestanejantes, abertos num clarão passageiro, fechados na escuridão eterna...

Chegará então S. Silvestre, e levará nos braços o triste velhinho para o céu, depois de rezar-lhe por alma os responsos profundos da igreja, que dos abismos clamam, na sua monotonia de salmos sagrados.

Dirá S. Silvestre depois ao cadáver do aniquilado velhinho:

“Foste como os outros, miserando ano velho! Espalhaste a fome pelos casais, a peste pelas cidades, a guerra entre as nações, a desídia entre os homens, o ódio entre os amigos, a infidelidade entre as mulheres...

Foste mau, foste horrível, clamorosamente iníquo!

Mas a culpa tu não a tens: como teus irmãos, vieste ao mundo para espalhar o mal, para eternizar a demência, para a juntar mais uma conta de luto ao eterno rosário do desfilar dos séculos...

Mas assim mesmo ungi-te, como aos outros teus irmãos que se foram antes de ti: ungi-te os olhos, que tantos horrores viram, os ouvidos, que tantos trons de canhões ouviram, em guerras injustas, em hecatombes infernais; o nariz que sorveu os miasmas das putrefações de tantos corpos; a boca, que se prostituiu em beijos infieis e em tantas mentiras satânicas; as mãos poluídas por tantos contatos asquerosos; e os rins, os teus extenuados rins, que luxuriosamente se finaram nos embates da carne...

Mas mesmo assim tu foste o mais bem aquinhado dos anos: para a redenção dos teus pecados basta-te o extraordinário jubileu que festejaste, a imaculada festa da concepção puríssima da Virgem...

As orações que se rezaram, purificaram-te para todo o sempre!

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.43 Cidade da Conceição, 15 de Janeiro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Sobre o teatro nacional, nem uma palavra: é entidade inexistente... Proclamam isto as publicações artísticas do Rio, e os jornais em suas seções de arte. Temos poetas e romancistas capazes de competir com os melhores do mundo, desde que se não trate de gênios, que são exceções: Schiller, Goethe, Shakespeare, Camões, Dante, Hugo, Balzac... Mas dramaturgos não temos; lá um ou outro autor de dramalhões sentimentais de vez em quando surge, e desaparece como surgiu. Nenhum drama brasileiro se immortalizou; as comédias, por serem de costumes locais, não vão além da sociedade que as reproduz.

No centro mais culto da nossa terra, na capital do país, o gosto do povo abaixou-se a um grau de depravação nunca visto; as revistas obscenas, prenhes de canções e balanceamentos de ancas, repetem-se invariavelmente, encenado com mais ou menos fidelidade as mesmas torpezas, as mesmas graças chulas e depravadas. Nada de moral. É a ostentação do vício, é a apoteose do desbrío.

E os nossos melhores talentos, que bem podiam reerguer o teatro nacional, dando-lhe alma e vida, deixam-se levar pelos aplausos da plebe falaciosa; coroados de bravos e palmas, recebem de conserva e parceria com as atrizes (que quase nuas se exibem) a passageira dignificação das noites velozes.

Nenhuma família que se preze poderá assistir, do princípio ao fim, as representações das revistas teatrais, este misto de ópera, opereta, drama, comédia e vaudeville. Apimentadas e lúbricas, essas peças de teatro são feitas a propósito: obrigam as meretrizes e os desocupados a passarem alguns instantes impressionados pela própria vida que levam.

Desde que não temos autores dramáticos, é muito natural a escassez dos nossos atores. João Caetano ficou único. E alguns, que bem podiam alcançar as alturas onde os talentos pairam, prostituem por necessidade as suas vocações artísticas: o tango infecto e caprico mede

o valor dos artistas pela destreza das pernas. A truanesca figura dos palhaços expulsou dos nossos palcos a máscara severa dos antigos gregos.

No entanto, é bem certo que não nos faltam vocações artísticas, criaturas fadadas para o proscênio.

Um dos exemplos é essa galante menina que anda a espancar o tédio absoluto das nossas intermináveis noites. Alzira Lessa, tão grácil e elançada, tão risonha e cativante, a promessa de uma atriz que fatalmente se imporia.

Rosa em botão, doce lírio convale que apenas desabrocha, expandir-se-ia fulgurantemente em outra terra que não a nossa. Os seus voos de beija-flor poético transformar-se-iam em quietos e ondeantes adejos de águia entre as nuvens.

Belo rosto, voz tão pura, graça elegante, eis os predicados da interessante menina; a sua vivaz inteligência há de por certo distingui-la um dia entre o enxame dourado das nossas atrizes, tão fúteis umas, outras tão dolorosamente atiradas aos paludes dos cafés – cantantes.

É esta doce criança a alma que anima a trupe artística que, a semelhança das improvisadas companhias dos tempos molièrescos, boemidamente vagueia por estas tristes cidades do norte, tão desanimadas e desertas, tão acabrunhadoramente isoladas, cheias de mágoas e rugas como pobres avozinhas sem netos, andrajosas como mendigos, doloridas como irmãs de caridade.

Que a menina Alzira receba os salamaleques pelo conforto rápido embora, que o seu sorriso lhe trouxe à alma para sempre desamparada...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.45 Cidade da Conceição, 12 de Fevereiro de 1904. MINAS-BRASIL

CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

CRÔNICA

Que os leitores me desculpem se dou hoje para agriólogo. Não se assustem: não lhes surgirá diante dos olhos amedrontados nenhum flos-sanctorum carunchoso, mais cheio de milagres que o céu de estrelas.

Apenas algumas observações de filósofo barato, que tira ilações e consequências do fundo das suas vazias algibeiras; e bom é dizer que estas raras vezes abrigam carinhosamente outra coisa de maior valor intrínseco.

Cinco santos houve, e grandes todos à exceção do quinto, que trouxeram no mundo temporal o nome de Francisco: e este nome foi antes uma antonomásia que o povo deu ao primeiro por ser perito na língua francesa, sendo italiano da Úmbria.

Foi o primeiro aquele seráfico e suave Assis, que recebeu as chagas do Senhor. Tudo que se diga deste escurece diante do resplendor que o engrinalda para todo o sempre.

Riquíssimo, abandonou todos os seus bens e fez voto de pobreza, ao contrário dos santarrões de hoje em dia que fizeram, quase todos, votos de riqueza e de prosperidade... Fundou a ordem dos Menores. Os seus discípulos nada podiam possuir. Daí a lendária pobreza franciscana, que passou para todas as línguas como a mais forte expressão da falta daquilo com que se compram os melões.

Francisco de Paula foi o segundo santo desse nome gaulês. Italiano também, desde a infância se dedicara ao serafim de Assis, de quem lhe deram o nome. Em sinal de humildade para com o seu mestre, que fora o chefe dos Menores, fundou a ordem dos Mínimos, os últimos entre todos; continuou a honrar as tradições da ausência de numerário, que tanto celebrizavam os franciscanos.

Xavier foi o terceiro santo desse nome. Cognominado o apóstolo das Índias, pelas grandes conversões que praticou no oriente trazendo para o seio de Cristo milhares de infiéis, morreu quando, ao sair de Goa, seguia para a China.

Francisco de Sales foi o quarto santo que fez brilhar na terra um nome que já cintilava três vezes.

Fidalgo e erudito, tendo surgido nos tempos da Reforma, lutou contra o calvinismo com todas as forças de sua alma eleita. Criou a Ordem da Visitação, confiando a sua direção à piedosa Dama do Chantal, com quem espiritualmente se ligara, à semelhança de S. João da Cruz e Santa Tereza, a excelsa poetisa.

Francisco de Bórgia foi o quinto santo que se abrigou sob a túnica do grande nome.

Deste direi apenas que foi inquisidor geral e que pertencia à família de Bórgia.

E basta: Alexandre VI, Cesar Bórgia e Luerecia, o assassino e o incesto, são monstros que até hoje nos fazem arrepios de medo e asco...

- Mas ao que vem aqui os nomes destes santos? Dirá consigo a minha velha leitora, concertando os óculos e pitadeando com estrondo.

É que Francisco de Paula governa atualmente a federação brasileira, e Francisco de Sales é timoneiro nosso: a quebradeira franciscana que nos cerca bem pode prever da influência oculta dos nomes daqueles santos, através dos séculos...

Quem sabe?

(...)as, mesmo assim, con(... a ser mais salesiano (...eu foi o próprio Dom (...), e do que o atual(...) o meu respeitável e (...)cado amigo Bressane.

JOÃO CARRILHO.